VISCONDE DE VILLA-MOURA

Doentes da Belleza

2.a EDIÇÃO

EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

DOENTES DA BELLEZA

DO AUTOR

Romances, contos e novelas:

Doentes da Beleza.
Boémios.
Obstinados.
Nova Safo.
Os Últimos.
Pão Vermelho.
Um homem de treze anos.
Cristo de Alcácer.
Calvário de um violento.
Almas do Mar.
O Imaginário.
Uma familia de Ibsen.
Irmã das Árvores.
Luz fremente.
«Palma Mater».

Outras obras:

A Moral na Religião e na Arte.
A Vida Mental Portuguesa.
Vida Literária e Política.
Camilo Inédito anotado.
Grandes de Portugal (com A. Carneiro).
Fialho d'Almeida.
Fanny Owen e Camilo.
As Cinzas de Camilo.
Antonio Nobre.
Teixeira Lopes.
O Poeta da «Ausência».

VISCONDE DE VILLA-MOURA

Doentes da Belleza

2.ª EDIÇÃO

EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

ISMAEL

A Teixeira de Pascoaes.

APPARENTAVA dezenove annos.

Chegou á Casa da Serra, esfomeado e frio, por uma tarde de novembro, a pedir pousada, discreto de idiotia, sem que dissesse quem era, d'onde vinha...

Era mysterioso o seu rosto de cirio, em que ardia a luz distante d'um vago olhar de metal, e a curva rôxa da sua bocca fina e sinuosa.

O lavrador da Serra, o Manoel Fortuna, insistiu com elle para que dissesse quem era. Encarou atarantado o Fortuna, disse o nome—*Ismael,* e começou a cantar uma loa ingenua,

d'um sussurro triste de levada occulta, que a Dôr jorrava e perdia...

Pelos montes da Boa Viagem, eminentes ao Mar, levava Ismael a vida simples de pastor. Pascentava um grande rebanho, mas sómente de ovelhas negras para trazer uma noite atraz de si...

Levantava-se ao romper do dia, e ia ver-se ás lagoas, nas laminas d'agua em que as ondas se volviam,—a contemplar o corpo de peccado, cuja imagem ò mar embalava e possuia!

Havia mais de anno que chegára á Serra, e parecia que fôra poucos dias antes, tão harmonica era ainda a sua figura com aquella outra que beirára a casa do Fortuna pela tarde fria de novembro. O tempo mal tocava a seda-cera da sua carne fresca de adolescente.

—E's feliz, dizia-lhe o Fortuna. Não te envelhecem canseiras; tão livre e innocente como um anho! Fazes bem,

não te rales. Até a preguiça, que para os outros é peccado mortal, te levará ao Céo, meu bemaventurado!

E, dando pela sua fixidez de somnambulo no lar acceso:

— Acorda! Que estás p'ra ahi a espiar o lume?

—Estou a fazer contas com os peccados da memoria, a queimar lembranças, respondeu Ismael. Ouço-as estalar, arder com a lenha!

Passava horas a tentar o mar, a ler no espelho da agua o segredo das formas, porventura a ver se descobria o genio dos occultos desejos. Tinha a devoção dos ermos, do crepusculo e da agua. Na sua alma, vallada de sombras, pareciam errar velhas taras de Belleza...

Usava um calção justo de linho, que mal lhe zebrava o corpo de romano, flexuoso o estriado. No olhar, bem amarello e distante, nevoas de oiro, mysterios de desgraça. Sahia de manhã,

ás tardes e pela noite. Odiava as horas de sol.

—Sou um cégo da Belleza, dizia ao lavrador, que o encarava a rir, de piedade. O sol forte não é de Deus; é do Inferno. Estraga a gente nova. A muita luz compromette a Perfeição...

—E scismas com o sol, replicava o lavrador. Deus te dê juizo, toupeira!

Um dia encontrou um forasteiro, em excursão pela Serra.

—És d'aqui? perguntou a Ismael.

—Eu! disse o pastor admirado, não me conhece? Pergunte lá, em baixo, em Buarcos. Sou o Doido; não sou d'aqui, sou do Norte — a alma da minha paizagem, rica de collinas e sombra... Vim conversar o Mar, ver se afogava n'elle o pesar que me creou. Mas não cabe no Mar!

—E onde dormes?

—Onde o somno quer. Se é minha a terra toda!

Quem é pobre tem tudo! Tudo!

Durmo ao acaso. E durmo sempre bem, em cama fôfa — a dos meus sonhos...

Não me magoam as pedras, se me recosto a ellas!...

—Quem são os teus paes?— perguntou o viajante.

Ismael sorriu e attentou a distancia, começando, monotono, a loa de sempre...

Subia ao mais alto da Serra; sentava-se n'um rochedo, e alli quedava horas a vagar os olhos na distancia, ou pela nodoa escura do rebanho. O povo de Buarcos tinha-o, de facto, por Doido.

E pouca gente tentava a Serra á hora em que apascentava os rebanhos.

Tardes de novembro! Paizagem, horas vermelhas...

O Cabo, recolhido n'uma penumbra colorida, juntava á do céo a sua côr barrenta, mal attenuada pela gaze ver-

de do matto ralo, debruçando-se como uma figura immensa nas aguas maravilhosas da bahia. Aves marinhas, em fila, escreviam no céo febril reticencias de azas.

O mar tingia-se das reflexões do céo, lançando, pela praia fulva, queixas rubras da maré nevrotica. Velas escarlates, como petalas de rosa, esparsas d'alto, balouçavam sobre o mar-damasco, muito crespo dos seus desenhos.

Mar e Serra pareciam reflectir a luz vermelho-oiro das folhas crestadas do outomno.

Era o tempo que Ismael mais vivia. E foi numa tarde assim, á hora em que o crepusculo revela as coisas, cortando-as na meia luz —que a mulher do Fortuna foi dar com elle, primeiro muito devoto e embevecido na paizagem, depois a gesticular, — na crista da Serra.

— Pobre louco! disse a mulher. Deus te valha, ou te leve para Si!

E partiu a rezar, tangendo o rebanho sombrio...

—Vai-te machina de padre-nossos, lhe volveu elle. E continuou a bravejar, voltado para o sol, que morria em gemma baça.

Singular figura! Era um gladiador em lucta comsigo proprio. Movia de afflição o corpo estriado, agora acceso de odios, surgindo n'aquele cerro como um bronze que a chamma da tarde houvesse fundido! Um bronze que tivesse endoidecido, recortando-se, tragico, na paizagem de cobre, sombreando o fundo vermelho da linda tarde de côr...

Depois, seguiu lesto para o pico do nascente; olhou ainda uma vez para traz, a ver o mar, que rolava espuma brava; correu pela Serra cortando o mysterio da tarde; até que, amainando o passo, foi até meio da encosta, de olhos fixos no valle.

Subito, baixou-se até penetrar na *Lapa Verde,* uma especie de caverna,

em pedra escura, musgosa do tempo. Dentro, sobre a penedia intima, estava uma cruz. Era uma cruz tosca de oliveira, nua do martyrio.

Ismael olhou em volta, parecendo arrombar aquella abobada com a sombra do olhar, curioso e tragico, como quem procura alguma cousa, alguem... Subito, gritou:

—O Livro! O Livro! A *Imitação de Christo!* Onde está? Quem m'o levou?!

Oh amoravel espinho! Ouve-me auctor dulcissimo—oh veneravel Kempis!

E, sahindo á abertura da Lapa, chamou:

—Kempis!

E, no valle, resoou, em echos, o nome sagrado:—Kempis.

Hora indecisa. Valle e Serra tinham perdido a côr na bruma d'aquella antenoite, todá ella um nevoeiro transparente, gaze fluida, aqui e alem amar-

fanhada—tecido humido de amarguras mysteriosas...

—Ah! disse Ismael. Estás ahi? Pode ser? Tanta gente! A Communidade, os Agostinhos!

A que vindes?

—Os chamados ermos, disse em voz de nevoa Kempis, são as terras sagradas, as promettidas, os retiros santos. Sou o echo d'outro Mundo—da Vida Eterna!

É da Virtude a terra de pousio. Só ella entende a dôr solteira dos maninhos.

Ella, a Virtude, que sou Eu.

—Tu!

—Eu, que duvida? Colhi da alma as regras da Perfeição,—aquellas regras que a tua impiedade lê sem perceber.

É pelos desertos que erro ainda. O deserto é uma abstracção da Natureza—o retiro puro, onde sómente as almas vivem...

Aqui me tens! E commigo o meu velho Convento de Agostinhos—sombras brancas de velha contemplação...

—E não me tenho eu guiado, em boa parte, pelo espirito da *Imitação de Christo?*

Fui rico, abandonei os bens; era nobre e troquei os appellidos de sangue por um nome que ninguem quer, porque inculca a raça dos perseguidos.

Era venerado e mascarei-me de loucura: chamam-me o Doido! E tudo isto para viver a vida perfeita! Quantas vezes tenho dito ao Senhor, comtigo:

«Aqui estou nas vossas mãos, eu me inclino á vara da vossa correcção para que endireite meu torcido querer conforme vossa vontade.»

Mas Elle não me ouve. Penso que o seu genio é como o genio humano! Toda a Creação passa o Creador. Deu-me um instincto que não cabe em mim, que me vence e me leva! A Vida...

—A Vida é, alem de tudo, replicou a voz tôrva de Kempis, uma Lenda, que os chamados superiores aspiram a realizar exatamente.

Anáthema! Anáthema contra aquelles que pretendem obscurecer pelo genio da Terra o reino ineffavel do Céo!

E os monges, brancos da nevoa, esparsos na colina:

—Anáthema! Anáthema!...

E o vento, em voz distante, pela nave immensa do céo, a reboar cansado, em notas asperas, as sinistras palavras:

—Anáthema! Anáthema!

—Ouves, dizia Kempis, a irritação de Deus?

Maculou o Céo a tua pureza de nómada sombrio, errante de orgulho, á caça da Belleza!...

«É necessario pela corrupção original da tua natureza que desças a coisas baixas, e aguentes a carga d'esta corruptivel vida, ainda que seja contra

vontade, com enfado. Emquanto trouxeres esse corpo mortal sentirás desabrimento e peso no coração.»

«Comvem-te e has de gemer n'esta vida o peso da carne. Não podes occupar-te continuamente dos exercicios espirituaes, e contemplação das cousas divinas.»

O homem é simplesmente um gesso, embora um gesso admiravel, que se marmorisa e transfigura na lenta obediencia ás leis reveladas de Deus!

—E não trabalharia Deus algumas creaturas fóra dos moldes e natureza vulgares?

Creio que sim. A essas creaturas disse Deus talvez: ide e revelae-vos. E ellas, revelando-se, revelaram-n'o, accrescentando Deus do genio inconsciente da sua imagem humanisada.—milagre ainda divino!

—Que importa o Genio! disse o santo irado. O genio mundano só é apreciavel quando serve a Alma.

Que tem creado em geral?

—Monstros. Embora monstros de Belleza.

Jamais um humilde pronunciou a palavra Genio que não fosse para exaltar Deus.

Ser humilde é estar com Deus...

O talento é ainda provação. Provação fecunda nos grandes santos da Humildade. Cada fórma é um cahos de amor!

Todo aquelle talento que se não volve em humildade, que não ascende a Deus é cegueira. São em geral cegos os chamados homens de genio. Cegos intimamente, escrevendo a traços de luz maldita e falsa, a vida horrivel da sua treva.

Afinal são victimas d'um desvio da sensibilidade doente; queima-os o circulo da sua febre!

—E de quem é a culpa? inquiriu Ismael, erguendo-se placido a encarar

a visão de Kempis, branca de eternidade, de bruma.

Culpar o genio é discutir Deus!

Eu acceito-o como absoluto de Belleza. Que seja immenso de creação! Pois não hei-de poder medir as minhas torturas, a ancia de ver, de sentir, e hei-de medi-lo a Elle, limitando-me!

Com Deus são minhas aspirações, meus desalentos, é tudo o que me faz sonhar, soffrer.

Em tudo o que eu sei que existe é Elle!

—E no valle o echo repetiu:

—Elle!

—Kempis! gritou Ismael.

E o echo na distancia:

—Kempis!

—Ah! percebo, disse em surdina o pastor, a Natureza vinga-me de mim, do meu phantasma, sempre commigo. O Echo é a voz da paizagem, disseram-mo os montes!

Em minha alma quantos espectros a luctar pela Perfeição?

Se não sou mais do que um doente da Belleza, revelando na minha carne mortal, o conflicto de figuras-sentimentos, eternas d'aspiração!

Se sinto na alma o trabalhar de uma officina de dôr! E que extranhas creações encerradas, sepultas dentro em mim. Figuras doentes n'um tumulo vivo! Fallo a sua dôr. Sou a elegia indecisa dos marmores que enterro, o barro doloroso!

E fixando uma quebrada do valle, revolto no véo humido da nevoa:

—Santa Thereza!

E o echo morrente e longe:

—Santa Thereza!

—É pois verdade que os chamados desertos são o mundo santo das almas errantes! Vem «lirio de ferro»! Por ti perderei a Soledade. Fundarás, trabalharemos ainda um convento, n'este ermo á beira da agua. Fundare-

mos uma nova communidade — o Convento da Belleza, lá em baixo, na escarpa, onde o mar esfrangalha suas rendas!

Sacrificarei ao desejo da tua sensualidade mystica. Quero dar-me á Belleza universal que a tua figura individualisa e só a ella. Vem!

—Quando serei comtigo? ouviu Ismael, n'uma sombra de voz que vinha curva da collina.

O seu olhar iluminou a paizagem, revelando a monja. E o pastor ouviu ainda:

Não poderás jamais attingir-me! Sou uma alma errante a propagar vida mystica. Os homens são as habitações dos espiritos eternos. Vive a immortalidade do espirito em sua carne mortal. A Morte é mera estação de Dôr. Cada geração arrasta uma herança de angustias, accrescidas da tortura propria.

Nos artistas choram no geral as taras da Raça. És ainda um mundo de

taras, a gerar monstros, a casa torturada d'esses monstros!

Quão distante sempre fui de ti!

Eu alava-me das curvas castas de Jesus suave. Povoava os sentidos do grave mundo branco dos divinos marmores! Comtudo tu realisas um pouco o paraiso da minha oração, da oração de todos os verdadeiros crentes. Arrebata-te dalguma sorte a divina graça!

Sou em ti o sonho de anciados desejos religiosos — um deslumbramento mystico mas ainda terreno, do Desejo. Fui no mundo um nome cujo significado é sepulto no teu religiosismo inconsciente.

Resurjo dentre os mortos a peregrinar sentimento—sentimento vivo d'uma aspiração eterna! — É tudo?

Não!

O que me importa é que veja

em ti a Verdade. Natureza vencida, Alma liberta em Deus!

Desfez-se a nevoa. E o pastor, cego do novo dia amanhecido, sentindo-se o involucro doloroso de um mundo infernal e superior, volveu a contorcer-se, mysterioso, extranho! Era na Serra, agora alvadia, banhada da manhã—um foco de sombra, de tristeza!

Até que, deslumbrado, partiu a internar-se na Lapa Verde. A velha cova, ponto de accesso á galeria intima da montanha, fez-se mais intensa de treva, adrede aprestada ao pensamento fecundo da indecisa Fé crescente.

O coração de Ismael, exaltado do divino amor, ficára a pulsar no seio da Serra a vida do mundo. Emquanto a paizagem, tocada do Céo pela manhã e da lucta torturosa de

Ismael, se abria cheia de Belleza, em paginas de humanissimos scenarios!

A Natureza dava-se em missal, folhas de Graça, na revelação fecunda de novas elegias, de outras horas.

A Arte fizera-se verdadeira emoção. A emoção vencera o Elemento.

O proprio Céo descera...

Haviam-se confundido o Artista e a paizagem.

E a Terra, entranha do coração do Artista, sonhava fecundar, compor da sua amargura— o novo Reino da Belleza, outras arvores, outros homens, novos fructos...

CASA DAS SOMBRAS

A Mario Beirão.

VILLA COVA era o antigo morgadio dos Villalvas e Vieiras.

Fica a mais de legua da velha séde de Bayão, abaixo da Senhora do Loureiro, antes dos bravios que contrafortalecem as primeiras serras de Amarante. É um plano baixo de campos de nateiro, cercado de montes mal vestidos de urze.

Os campos, de boa funda, banhados das levadas, que cortam as serras proximas, desdobram-se, luxuriantes, em pelliças verdes. Os montes, abandonados das levadas,

cerdosos de matto bravo, vivem das madrugadas humidas, das brumas.

Quando o meio dia desce aos campos, fulgem nos nateiros talhos brancos e brilhantes, que lembram tiras de espelho.

A velha casa dos Villalvas é hoje um pardieiro desconjuntado, erguido entre macieiras lorgadas, que suspendem labyrinthos de ramaria esteril, esfolhando-se sobre os telhados negros. Os rasgões da cantaria, o inclinado dos pannos, a luz amarello-verde, coada pelo canniço das pernadas, como as ruinas da capella e o terreiro claustral, são bem de molde a enscenar recordações! A casa lembra uma ossada que a Saudade possue e gasta, n'aquella cova, estofada de searas.

Parece haver ainda nas suas ruinas uma lenta expressão de soffrimento. As macieiras, complicadas pela edade, lançando á ventura tufos

de folhada, encobriram o mysterioso quadrante, que outr'ora marcára á velha casa tantas sombras boas,—alegrias que o tempo cansou.

O Destino deu por inutil o quadrante, substituindo-o por outro maior, a ramaria escura, um verdadeiro relogio de penumbras! Relogio estravagante da meia luz, que, durante o dia, esbate, sobre a cantaria livida do casario-esqueleto, rictus de dor como para informar que tambem a materia soffre.

Ha poucos annos vivia ainda o ultimo representante da casa.

Era Manoel de Villalva e Vieira, um estatuario da Escola de Bellas Artes de Paris, que viera esfumar rememorações do seu talento de aventura nas sombras d'aquelle recanto.

Manoel, completo o curso, viveu alguns annos em Lisboa, onde o ex-

tremava a vida aventurosa, e sua originalidade de Arte. Notabilizára-o, sobretudo, uma das ultimas obras, a *Outra Venus*, um marmore em que realizou uma figura extranha, de genio indeciso.

Chegou a Villa Cova uma tarde, com a mãe, especie de aparição, tão espectral e branca, tão fóra da terra e do tempo que atravessava, que dir-se-ia uma imagem sahida do *atelier* do Artista, symbolo de velha nobreza, esculpturada em horas de regressão.

Manoel, em Villa Cova, raro trabalhava. Vivia como apartado, sempre a contemplar a paizagem, acertando a alma pela vida lenta das coisas, e accrescentando do seu desgosto a melancholia da pobre casa, agora um exquisito quadrante, relogio mysterioso de sombras...

Ás horas lividas da tarde, vinha D. Leonor distrahir o filho, provo-

cando, ouvindo de confissão as suas tristezas, simples e genial de amor, animando-o a falar-lhe como a uma confidente que sabe ouvir aînda as mais delicadas queixas.

Sentavam-se os dois perto da presa, no toro d'um castanheiro, cavado em canapé, e ahi passavam horas, junto á levada, que seguia, lenta, a murmurar das suas magoas...

Extranhas creaturas! Ella, muito branca, figura de sonho envelhecido, desdobrando da alma cansada, fios de voz repassados de ternura; elle, desalinhado, nevrotico, de olhos tôrvos e distantes, barba negra e rala, cabelleira longa—um nazareno de côr e de tristeza, ora flectindo-se em gestos descompostos a sublinharem a sua palavra desatada e baça,—ora discreto, mudo, a ouvir D. Leonor que ia decifrando, conformada, a sua figura esphingica de taciturno!

—Estás então mais sereno?—disse-lhe ella um dia, tomando em suas mãos, longas e finas de seda amarfanhada, a face terrea do Artista. Vi que trabalhaste hoje muito. Ia ha pouco procurar-te, estar comtigo, mas não passei da porta do *atelier*. Não deste por mim? Não, que eu voltei devagar, acertando os passos aos tempos do escopro. Continuando assim, acabarás breve a tua obra, que deve ter vencido o modelo. Não creio que a mulher que te cortou a mocidade, o riso, possa ser assim.

Não t'o digo por odio. Eu não quero mal a Rosina. Não quero mal a ninguem.

Sabes como ouço a historia dos teus amores. Não tens segrêdos para tua mãe e ainda bem. A tua infelicidade é, afinal, um caso vulgar, de que o proprio coração te salvará, quando Deus lá couber.

Has de considerar um dia o

que vales, quando souberes o que Rosina valia!

E, de repente, como que a distrahi-lo da conversa:

—Porque não vamos passear? Queres ir ao Outeiro da Trappa?

—É longe, disse o Artista.

—É a dois passos...

—Oh minha mãe, temos nesta casa a verdadeira Trappa! É um convento de silencio e sombras!

Eu creio que a Lenda anda errada. Foi aqui, de certo, que o nosso antepassado quiz fundar o Convento...

Dizia bem n'este retiro da tristeza. Sente-se aqui a paz fria dos cemiterios. E, entretanto, mal posso conformar-me com este silencio evocador! Já só existo pela Lembrança. Penso que é a minha antiga sombra quem me projecta!

É a propria dôr que me vae sua-

visando o velho martyrio dos sentidos.

Sinto-me morrer aos pedaços, mas presinto que será o peito o ultimo a morrer!

Ah! já, só admitto Deus em ti! Ha horas em que o impio ganha pelo soffrimento direito á assistencia d'Elle.

Se Elle se nega, ou abre condições á desgraça, só existe para os bons...

Oh! em ti, minha mãe, sei eu que Elle vive!

— Na vida só o desespero pode tornar-se irremediavel.

— Não blasphemes! Deus sabe a razão dos nossos desgostos, saberá perdoar os nossos erros...

Eleva o pensamento a Deus e expulsa do coração tudo o que te distrahir de Elle. Agradece-lhe as amarguras, a Vida, o talento...

Ah! não foi de certo a lembran-

ça de Rosina que deu á tua estatua a Belleza que ella tem!

Rosina não pode ser assim; só o talento que é de Deus...

—Oh minha mãe, como estás em erro! Aquelle marmore é a simples lembrança d'ella, uma sombra branca que se espectra da minha treva para que os outros a destingam bem na noite que eu sou, e que a propria Arte é para mim.

Mas os encantos da sua ineffavel figura jamais voltarei a possui-los!

E, no entretanto, ainda hontem julguei vê-la mover-se. Quando trabalhava, parecia-me que a propria figura regulava o escopro, resistindo aos menores caprichos. E quando lhe modelei o peito, que ergue como uma urna, imaginei ouvir-lhe mais uma vez o coração. Foi engano. Era o meu...

Havia no seu collo um véo de marmore a mais. Pareceu-me...

Resistira, contra minha vontade, ao aço. Beijei-a n'uma allucinação de dor, de amor...

Era um véo de neve, que trouxe nos labios. Ficou o busto nu, perfeito...

Oh, minha mãe! perdoa que te fale assim. Mas tu não és como as outras mães. Comprehendes que toda a desgraça é innocente, ouves toda a desgraça.

És tão divina, tão divina, que te suppponho superiormente humana. Por isso te conto as minhas miserias, como o faria, eu sei! a Deus, se feito homem voltasse a este mundo.

E, n'uma sombra livida de riso:
— Tambem se viesse não era a Villa Cova, e para conversar-me... Só tu podes ouvir-me, sabes ouvir-me!

Tu e... Rosina! Rosina, que foi o capricho da minha vida, da minha

Arte, que eu vi n'um tablado a chorar e a rir casos d'Arte, a mulher que eu encontrei, ebria, corpo nú, alternando de infamia a gloria ephemera dos palcos—como hei-de eu, mordido dos seus desprezos, do seu animo quebradiço e futil, suppô-la capaz de ouvir-me, irmana-la comtigo que és mais para mim do que eu proprio— o meu avesso em pureza!

Ah, como fugiu baixamente aos meus carinhos! Como era vulgar, rasteira, a sua alma de comediante. Cansou-a o meu amor, tecido de impertinencias, arrebatamentos, zelos. Vive hoje como antes de conhecer-me — a desfiar affectos, caprichos!

Foi no que deram tres annos de amarguras, de culto, de devoção incondicional por ella!

—Ha só um culto que nos compensa, Manoel! É o que votamos a Deus.

—E que mal fiz a Deus, para que permitisse o inferno em que tenho vivido?

—Elle lá sabe a razão das torturas que distribue. Eu agradeço-lhe tudo, as tuas mesmas torturas, que me têem forrado de dôr! Lembro-me de que és o ultimo da familia, e Deus quer talvez remir em ti faltas dos nossos. Mas deve estar a acabar o teu desgosto. Faze por esquecer Rosina. Olha que foi Elle, de certo, quem determinou que te abandonasse. Não era digna do teu amor!

E Deus só protege os amores dignos —aquelles que a sua Egreja sacramenta. Esquece-a!

—Oh! minha Mãe, que infelicidade a minha. Afinal ninguem pode comprehender-me, nem tu! Vejo agora que és menos humana do que divina! Olha que antes de conhece-la, encontrei dezenas de mulheres honestas. Soube a vida de Rosina, co-

nheci alguns dos seus amantes; ella propria me contou episodios da sua torpeza; horrorisou-me de maldade, ainda mais — de *vida indifferente*, que é a vida do theatro, e, afinal, vim a cahir na rede dos seus encantos de mulher de palco, de mulher de toda a gente!

Um dia disse-me: — creio que não tenho sentimento algum proprio. Apprendi no theatro a encarnar o momento.

Pois era quando falava assim que mais me exaltava e prendia. E hoje, desprezado, substituido por um futil, uma das muitas creaturas inferiores que mobilam os camarins, sinto-me mais prêso a ella do que nunca. Approximo-me mais de Rosina, ao passo que me afasto de mim.

Ha horas em que me conheço distante; e, no entretanto, jamais deixo de ve-la, de senti-la.Onde quer que seja, estou com ella. Creio que

vou endoidecer! Oh, o sonho d'esta noite!

Imaginei-me em Cintra. Era sob o céo fresco da ramaria, na Pena.

Nós, Rosina e eu, acolhidos á penumbra d'aquellas arcarias verdes, descansavamos. Eu vivia esperanças; ella—a vida dependente e passiva das sombras...

Subito, chamei-a a mim com caricias. Fitou-me triste, descorou o olhar de verdete n'uma expressão de meiguice e disse-me:

—Vê como é feio ser pobre! Para não usar joias inferiores uso o collo nu; sinto n'elle os olhos de toda a gente! Nem uma joia me defende...

E eu anciado, louco, evoquei o Genio do Futuro. E suppliquei-lhe, pedi-lhe que me deixasse antecipar nas conquistas do possivel; que só o desfalcaria em favor de Rosina...

Assentiu. Utilisei o fogo em ru-

bis; christalizei gottas de absintho, de mar,—queria esmeraldas novas; lembrei-me das tuas lagrimas que me deram perolas de pureza, joias santas; finalmente, dei-me a gelar sentimentos, e obtive pedras mysteriosas, indecisas. Tudo regeitou!... Curvei-me sobre o busto d'ella, e lancei-lhe um collar de beijos. Vi-a brilhante dos meus affectos, orgulhoso e timido de que a escaldassem!

Tudo desprezou.. Queria as joias que deslumbram nas vidraças, as que têem preço nos palcos... Fugiu. Corri atraz d'ella, até que a perdi de vista quando entrou n'um vapor que longe, no mar, a esperava. Seguiu com ella, pesado das suas ingratidões e do meu cuidado...

E o mar, coalhado de barcas, com velas em triangulo, parecia semeado de azas quebradas de borboleta que se tornaram negras quando o vapor seguiu.

Era o mar alado da minha desventura, veleiro das minhas saudades!

Tu choras, minha mãe! Perdoa. Eu sinto-me enlouquecer. Embriagou-me a dôr, e por isso te crucifico na minha ignominia.

—Não te arrependas, disse D. Leonor, já serena, de me associar ás tuas desventuras. Consola-me a propria dôr de partilha-las. As lagrimas tambem são precisas...

Vamos rezar. Estão a bater as Trindades. E ergueu-se, fazendo o signal da cruz, e rezando alto a oração da tarde:

—«O anjo do Senhor annunciou a Maria...»

As sinetas das capellas continuavam lentas a pulsar as horas do Mysterio..

Manoel levantou-se, afogando o olhar nas ondas d'aquelle som re-

ligioso, que, subito, recoloriu de melancholia a planicie baixa...

Era ao tempo em que Rosina apeava junto do velho morgadio, a perguntar pelo Artista.

Inesperadamente manchou o religioso scenario a sua figura de tragica, exquisitamente bella, entrando no velho claustro com o ar indifferente de quem encarna o Acaso.

—Rosina! gritou Manoel, correndo a encara-la perto, somnambulo, abysmado no desvairamento de quem encontra uma figura de fumo, em sonhos, e tem medo de toca-la, de desfaze-la.

E Rosina, friamente, tacteando os bandós da sua cabeça fulva de poente:

—Aqui me tens, meu doido! E olha que só li parte das tuas queixas, um terço das tuas cartas. Não tive horas para ler tudo. Pariz não é Villa Cova. E, a proposito, estás vingado.

Se te não tivesse vingado a imbecilidade do homem por quem te deixei, desaggravar-te-ia a caminhada a que me obrigaste. Não sei andar para traz. Se soubesse o que me esperava, não estava aqui; teria regressado á estação, experimentada a primeira legua. Imaginas lá os tratos que tive de supportar!

—Ah! Rosina, disse Manuel. Estás então ao pé de mim, és minha? E abraçava-a, nevrotico, n'um enleio doido!

Tinha passado a hora das Trindades. Ao longe, nos campos de Villa-Moura, mulheres, curvadas sobre o linho, labutavam ainda nas arrigas; sua voz, arrastada e pura, desdobrava, dolente, o canto anonymo dos campos...

Era á hora em que D. Leonor, espectral e branca, vulto de tortura

e luar, atravessava o ribeiro de Mára, que seguia, como um espelho liquido de magoas cansadas...

Acompanhava-a o mordomo, ainda mais velho do que ella, a distancia, caricatural e fino—homem do povo polido pelo trato nobre,—trôpego, indifferente...

Quando chegaram ao planalto do Loureiro, D. Leonor parou, fatigada espraiando o olhar tôrvo pelos campos baixos de Villa Cova, e depois pela casa sombria, que se extendia em borrão, como a annunciar que era d'alli que a noite ia subir.

Mal distinguia a velha casa, agora turva da noite e dos amores que a consumiam...

De repente, toldou-se-lhe de todo o olhar; ajoelhou forçada; evocou a Senhora do Loureiro, que, na capella em frente, dominava o monte; —encarou por momentos a sua figu-

ra suave de mau granito; e morreu a fita-la, e a pedir-lhe por Manoel....

Passaram mezes, horas dolorosas para o Artista, saudoso da mãe, perdido de amores pela amante.

Ás horas uteis do dia, quando o sol córa os fructos, tonalizando o espaço de labaredas estonteantes, convulsões tôrvas de vida fecunda, ia elle, em segredo, internar-se n'um recanto escuro, fechado pelas sombras, cauteloso da amante — corporizar no marmore a alma branca de D. Leonor. E, entretanto, a estatua de Rosina quedava como a vira a mãe, incompleta, abandonada...

A pouco e pouco, o novo marmore se impressionara da imaginação do estatuario, e a figura de D. Leonor se ia revelando na camara escura das suaves sombras. Dos seis palmos de pedra sobresahia a mãe do

Artista, senhoril e pura, alteando, ineffavel, o seu perfil de santa...

De noite, horas mortas, Manoel vi-a surdir em sonhos, d'entre a escuridão, a mover-se — rosando-se, suave, das côres discretas da velhice, as côres que legára ás rosas que no monte a haviam amortalhado...

Discorria o dia sereno e baço.

Havia uma hora que o Artista trabalhava, devoto da imagem da mãe, revelando-se, branca do marmore, do seu amor...

Subito, ouviu chamar. Era o rendeiro a participar que Rosina tinha partido a tomar o comboio em Mosteirô, e lhe mandava uma carta.

—Deixa ver, disse nervoso, rompendo o sobrescripto:

A carta dizia:

Passou o imprevisto da nossa conciliação, o grande motivo que me trouxe a Villa Cova. Não posso mais

supportar as sombras do logarejo, perdida de ociosidade e aborrecimentos. Todas as repetições cansam, os proprios carinhos... Ás vezes eras aborrecido, enjoativo como um noivo! Eu tenho de meu a independencia e a mocidade...

Não devo á tua aldeia o sacrificio do humilde patrimonio. Has de comprehende-lo, quando o esquecimento te deixar ver.

E o esquecimento virá breve. Não imagines que vou com programma; sigo com o Destino. Vou vender a minha Arte, que é a mocidade, pelo unico preço porque devo entregá-la—o prazer. Sei que virias commigo, se t'o propuzesse. Para que?

Devemos separar-nos. Não ha em mim um resto de capricho que me detenha junto de ti. Eras desde ha muito, a meu lado, um mysterio devassado, um enygma desfeito.

Nem o tumultuar dos zelos, nem as violencias doentias do teu amor podiam já entreter a tua

Rosina.

Manoel, lida a carta, cahiu succumbido n'uma preguiceira leve de rippa, marasmado, cabisbaixo...

Subito, levantou-se, seguindo sereno o caminho que, mezes antes, a mãe percorrera.

Ia em perseguição da amante. Mas, á medida que se approximava do alto do Loureiro, ia amainando o passo. Chegado ao logar onde D. Leonor morrera, descobriu-se, commovido.

E, chamado por um poder mysterioso, encarou a imagem da Senhora do Loureiro, que da empena da capella parecia domina-la com o seu olhar de pedra.

Manoel baixou os olhos, e deu-se a memorar o passado, pesadelos, horrores da baixeza de muitos annos—n'uma lucta intima, dolorosa...

Pouco a pouco foi presentindo desenredar o mysterio intimo que fôra, e de que se sabia agora um intimo pretexto! Volveu a encarar a imagem, e pareceu-lhe ver surgir do granito a figura suave da mãe, a sorrir-lhe, animada das côres discretas da sua velhice pura!

Fixou-a mais, até que a viu desaparecer nas feições cavadas do sagrado granito!

Desceu rapidamente a collina, retrocedeu a Villa Cova—e foi, com devoção, para o velho recanto da quinta, continuar o trabalho interrompido horas antes, revelar em marmore a figura dulcissima de D. Leonor...

Era ás Trindades. Cruzavam o espaço fios de som, que vinham das capellas dos outeiros perder-se nos montes humildes.

O Artista levantou-se e rezou, atento, a oração da tarde, mezes antes interrompida.

O carinho de D. Leonor dera a Villa Cova um novo milagre, por ventura o ultimo, um milagre de Amor...

Continuavam lentas as orações dos bronzes, desmanchando-se em nodoas de som sobre a ramaria de Villa Cova.

A tarde descera sobre os montes pelliçados o véo rôxo das horas phantasmaes, que, ao longe, sombras fundas esfarrapavam!

Calára-se o canto das arrigas, o proprio Hymno clangoroso do Chão; haviam emmudecido as mulheres, as cigarras, as rans, agora espar-

sas nas lagoas, fulgindo como joias de Tolêdo, cortando a agua devagar.

Rezavam os humildes, os poderosos, a Terra!

Nuvens de fumo alavam até ao Céo os segredos mais fundos dos casaes.

Hora sagrada!

Villa Cova vivia o ideal selvagem e fidalgo de se deixar governar por Deus!

A Casa, desconjuntada, era um momento de Humildade que as sombras ajoelhavam.

Hora mysteriosa! O sol tombava, e no seu adeus tudo banhava de religiosidade, dando á Terra a expressão livida d'um interior de Cathedral!

Tudo celebrava o milagre!

Manoel quedára, attento, a fitar a Mãe...

E, pela imaginação, animou a estatua, que continuou lenta a rezar, ao tom dos sinos, as Ave-Marias, na sua voz branca de amor, de mármore!

DESTINO

A Jaime Cortezão.

I

O Adolpho era um dos alumnos mais novos da minha classe. Tinha treze annos. Lembrava um homenzito, vergado ao peso de uma responsabilidade que não communicava e mal podia ler-se no seu olhar de treva.

O director do Collegio, o velho von-Hafe, um allemão espadaúdo e alto, anecdotico e sabio, bem humorado e curioso por dever da indole dos alumnos, — inquiria a miudo da saude e desgostos de Adolpho, que

o encarava contrafeito, mascarando-se de risos sem côr, alegrias falsas.

—Que se sentia bem, informava.

Professores e alumnos tratavam-n'o excepcionalmente, milagre da distinção do seu porte.

Mas mal acquiescia aos carinhos que lhe prodigalizavam, vivendo á-parte, mal accordado com a edade e enthusiasmos dos demais rapazes.

Estudava pouco. Entretanto, mercê da sua acuidade, ia vencendo as aulas que, a bem dizer, cursava de ouvido.

Recordo a sua figura extranha, aprumada e fatal, por entre os gárrulos rapazes que eramos, barulhando futilezas embravecidas pela edade e gritadas numa ancia de expansão innocente.

Parece que a mocidade, o genio do Tempo, encontrára n'elle um motivo superior de tristeza—e d'ahi

adolescê-lo n'aquella expressão rara de tortura precoce.

Singular figura!

Por que capricho intravasaria o Destino n'aquele ephebo branco uma alma de velhito?—era a pergunta que nos faziamos, quando ao deixar os jogos e de partida para as aulas reparavamos que elle tinha uma só expressão—a tristeza gelada que lhe marcava a physionomia, nas aulas como nos recreios.

Exquisito rapaz! Urdil-o-ia assim a natureza que neva por capricho qualquer manhã de Junho? Seria um sombrio nato? Que acontecimento lhe seccaria a alegria n'uma edade em que o riso é *só por si* a Vida?

Isto pensava annos depois, quando, fóra do Collegio, reconstituia a figura extranha de Adolpho—aquella sombra animada que o meu espirito ainda hoje memóra como photo-

graphia preciosa, *positivo* de fatalidade, belleza adolescente, fados precoces...

Separámo-nos depois de dois annos de pequena camaradagem de collegio.

E durante largo tempo deixei de encontrá-lo. Passaram annos. Soube depois que vivia n'um recanto do Minho, em Ancora, pois que d'ahi datava pequenos escriptos, casos de philosophhia bizarra, impressões que appareciam em Revista, ás temporadas.

Eu lia-o com interesse. As suas notas eram fragmentos d'aquella alma que errara pelo collegio quando todos amanheciamos para a vida, e que intrigara o allemão, professores e alumnos.

O seu talento era um caso notavel de emoção..

A edade resolvera a esphinge a fallar. Adolpho editava aquella me-

lancholia que crescera com elle, que era elle permeando uma raça desfalcada e infeliz.

Intravasara todo o odio. Da sua philosophia, casada de exotismo e orgulho, sobresahia o fino perfil do collegial, agora em saldo de contas com os que teimavam em descê-lo do velho isolamento.

Pobre rapaz! se me fosse possivel restituir-lhe os velhos dominios, prosapia, o poderio dos maiores, por tempo limitado, por poucas horas, havia de fazê-lo só para lhe vestir de sol a physionomia, habitualmente de treva. Impossivel! Como estava longe do tempo! E fossem lá dizer-lhe que a felicidade está em andarmos com o seculo!

Não acreditava. Ou, se o tinha como certo, relegava a felicidade pelo preço. A sua vida era o conflicto com o tempo...

Um dia, ha poucos annos, deixava eu a extrema de Carreiros com destino ao segundo Castello que fortalece a costa, d'entre Fóz e Leça.

A estrada segue perto do mar.

Entrei na praia.

O mar, que na Fóz se recorta de encontro á penedia, segue depois sereno até ao Forte, espraiando-se branco pela areia fina.. Entre o mar e a estrada ha uma larga tira de areal que segue da Praia dos Inglezes ao Castello.

É o campo eleito das creanças que ahi buscam jogas e conchas polychromas, meio-occultas sob a areia d'oiro humido.

Eu ia recordar alli retalhos da infancia que lá tinha deixado...

Subito, vi destacar um pequeno, figurinha rica de Sévres, cara fresca de fructa, cabello escuro sobre a testa branca, olhos de velludo negro, a correr e a gritar:

—Um beijo, achei um beijo!

Segui a direccção do pequeno. Quedou junto d'um homem macilento, que podia ter vinte e oito annos, entre amaneirado e grave, que recebeu a concha exigua que lhe mostrava a creança, sempre a gritar: —um beijo! É do mar, guarda-m'o!

E o homem, côr de pergaminho, recolhendo no segredo d'um annel muito lavrado o pedacito de calcario:

—Dá cá.. E agora vá um beijo a valer!

—Sim, disse a criança, entregando-lhe a face de imagem, innocente e bella como um fructo...

Beijaram-se, e o pequeno desappareceu, nervoso, viciento de mais achados.

Attentei melhor na figura que o pequeno involuntariamente me apontára, e que desde logo se distrahiu no movimento nevrotico da maré.

Era o antigo condiscipulo — o

Adolpho, que, por sua vez, deu por mim, cumprimentando-me delicado, mas friamente.

—Extranho-te por aqui, disse eu para começar conversa. Suppunha-te em Ancora. Grande capricho deixar o verão do Minho...

— É verdade, vivo na casa esguia, que vês alem. Passo as tardes na areia com meu filho, que anda por ahi em excavações e me interessa nos seus achados. Ainda agora me trouxe uma concha...

—Não sabia que tinhas familia.

—Tenho o Jorge, o meu filho.

É a razão da minha vida, quem me faz arrastar a cruz de cypreste que eu sou, que fui sempre...

—Sim, sempre te deste com pouca gente, arrisquei. Lembro-me de que no collegio vivias quasi só.

—É certo, assentiu. E, no emtanto, mais do que ninguem sei os horrores do isolamento.

E, transfigurando-se:

—Olha que peior do que o isolamento só conheço a popularidade e a vida intima com pessoas que não saibam de sensibilidade. Emfim, tenho de viver ao menos até que o Jorge seja homem. Ha de saber de mim quem é o semelhante.

Eu quero muito ao pequeno, porque é meu....

Na vida só ha um sentimento verdadeiro!

Nem tu sabes qual seja...

É o *amor-proprio*. A vida é este amor!

Quero cultivar-lh'o, intensificá-lo na consciencia d'elle.

Se chegar a odiar-me, a mim que hei de incutir-lhe, com a mestria d'um pratico, a philosophia do Odio, e o despreso pelo semelhante, — não tenho mais razão de ser junto d'elle, quero dizer n'este mundo...

—Se não fosse a confiança das

tuas explicações, diria que peoraste em questões de trato, observei.

Cada vez mais hostil ao proximo, porventura mais inimizado comtigo.

Lembra-te de que deves ao teu filho o sacrificio da tua indole triste. E não ha razão que te absolva de tentares fomentar-lhe desconfianças, quanto mais crear-lhe suspeitas, industriá-lo nas maldades provaveis d'aquelles com quem tem de viver!

—Não se trata de maldades provaveis, mas de prejuizos certos derivados da tal confiança em que falas.

—Imaginei, disse ainda, que o mesmo facto de constituires familia te salvaria de ti proprio, desensombrando-te duas partes do temperamento—a que tinhas de occupar com o teu filho, e a outra, a que naturalmente deste á mulher que elegeste, á mãe do teu filho.

—Enganas-te, não elegi mulher alguma. Eleger é trapacear. Creio no absoluto de forças que nos impõem sentimentos, servidões de vontade. Dei-me á creatura que o Destino me distribuiu. Sabes quem foi essa mulher?

E á minha negativa:

—Talvez te recordes de que todos os domingos, quando collegial, ia ver uma internada das Salesias.

Era uma educanda, minha parenta.

A principio, as visitas que lhe fazia eram de mero dever. Mas pouco e pouco me fui sentindo possuido d'aquella rapariga travessa que, dentro de grades, era mais livre do que eu.

Apparecia-me as mais das vezes acompanhada d'uma freira muito secca, não sei se mumificada pela reza, que ia discreta para a extrema do

locutorio ler orações n'um livro vestido de merino negro.

Para que nos entendamos, pensava, basta o nosso parentesco. Eu, que aïnda não puzera de lado a razão,—via nas nossas relações um motivo de sangue, affinidades de creação—um culto natural, que me era agradavel considerar reciproco.

Maria via de leve as meticulosidades do meu pobre temperamento. Ria das minhas amarguras.

Parecia que a alma lhe trasbordava de felicidade, exasperando-se de alegria ao roçar das delicadas miserias que lhe contava...

E eu, que era, como sabes, intratavel para quasi toda a gente, perdoava-lhe tudo, pois que sentia um travo agradavel em ver cauterisada pelo seu riso a minha desgraça de tarado.

Quando me perguntava a razão da extranha tolerancia, logo me so-

cegava, perdido no milagre da sua belleza loira, immanente de suggestão, pensando que me não humilhava ao rir-se dos meus desvarios, pois que era do meu sangue!

Quero abreviar o conto... Doeme a situação de victima-heroe.

Demais, presumo que te aborreça.

Se eu não ouviria uma só das tuas desgraças, com que direito estou a falar-te das minhas!

E, aos meus protestos:

—Bem sei:—Conheço por demais as formulas da vida social.

Sei quando a benevolencia passa delicadamente as extremas da mentira...

E a um novo signal meu:

—Não te agastes; vou concluir o folhetim de que lêste as primeiras columnas no collegio.

Não tenho hoje segredos. De que serve retardarmos a noticia das

nossas miserias! Afinal o Bem ainda se occulta, errando breve para a treva que tarja de socego a vida! O Mal corre com a velocidade da luz!

Mas não imagines que se trata d'uma historia que te acredite como contista. Historias d'essas vende-as a phantasia aos editores. A minha é simples, pois que é verdadeira, humana.

Vaes ouvi-la!

Maria sahiu para casa dos tios, os Condes de Lucena, quando tinha dezoito annos. Eu, que arribei a Lisboa ao Curso Superior de Lettras, vim d'ahi diplomado em bugigangas pelo mesmo tempo, com vinte annos.

O espaço que intervalla a nossa camaradagem do collegio e esta data—venci-o enredando-me cada vez mais nos encantos de minha prima.

Assentei em que ella fôra até então a creatura unica a quem me confiára. Senti necessidade de a tor-

nar bem minha, e pedi a sua mão aos Lucenas que de bom grado m'a confiaram, inferindo do enlace o melhor lustre para a sua e nossa prosapia, as vantagens da successão, etc.—coisas a que provavelmente chamas preconceitos e que afinal são factos para quem os sente.

Casamos.. E d'esse casamento proveio o Jorge, o pequeno que além anda.

Nunca fomos felizes. Percebi, a breve trecho, que se não entendiam —o meu genio sombrio e o seu enthusiasmo pela Vida.

Mas, como eu adorava o seu geito e galantaria de alvéloa azougada, —suppuz que alcançasse tambem estimar-me pelos contrastes que o meu espirito lhe offerecia.

Nada d'isso. Vejo hoje que se horrorisava menos do gradil do locutorio nas Salesias do que da rede dos meus nervos.

Tenho na alma expressões de odio do seu olhar de verdete. Tonteava-a o meu aborrecimento de homem sombrio.

Demais, nem a distrahia, nem a deixava distrahir...

A nossa casa era aferrolhada para toda a gente, á excepção dos parentes, poucos, que nos visitavam, e d'um padre—antigo capelão das Salesias, que apparecia ás vezes — o padre João Sande.

Em pouco tempo vi o meu engano e o seu inutil sacrificio...

Entretanto o Jorge ia crescendo. E eu cada vez mais d'elle, ia-me tornando indifferente ás impertinencias de Maria de Lucena.

Esta indifferença duplicou o seu odio.

Era creatura inferior, apezar da sua belleza loira, illuminada pelo olhar verde mais expressivo e forte que me tem fitado..

Era inferior á maior parte da gente, que, ao menos, vê a rir os caprichos das minhas taras de sombrio, lançando-os á conta d'uma raça escangalhada.

Emfim, um dia desappareceu de casa..

Ainda bem que estava perto o Jorge, quando o soube... Se m'o tivesse levado já tu sabias a sua historia, a nossa historia, que teria acabado ha muito. Assim, só me abalou o orgulho o caso da sua deshonra pela quota de deshonra que me deu... Agora adivinho a tua pergunta intima. Mas com quem fugiu?

Ahi está uma pergunta legitima, e unico ponto interessante para a tua curiosidade de novellista.

Não adivinhas! Fugiu com o padre, o antigo capelão das Salesias...

Desconheço as passagens do Evangelho de que se soccorreu para meditar e levar a cabo a proeza.

Sei, unicamente, que este discipulo de Christo refinou o contracto de Judas. Vendeu o Mestre por bem mais de trinta dinheiros!

Ah! o padre ganhou bem o Inferno. Maria de Lucena valia um Inferno...

Emfim, ahi tens a historia, disse Adolpho, fitando-me a sorrir n'uma expressão branca d'odio delido.

Apezar de tudo, creio em Deus! Deus entra na minha genealogia...

Foi grande a tensão de relações em que estive com Elle. Comprehende-se: o que me succedeu foi mais do que deshonra!

Mas já quasi esqueci o que permittiu contra mim. Sinto-me ligado outra vez a Elle pelo Jorge!

Não encontrei palavras que pudessem attenuar a dôr acceite de Adolpho. Elle travou-me do braço e dirigimo-nos a procurar Jorge.

—Vamos para casa, disse ao pequeno.

—Pois sim, concordou elle, vasando-lhe nos bolsos conchas e pedras de côr.

Acompanhei-os até casa, na extrema de Carreiros.

—Adeus, disse Adolpho. Perdôa as confidencias e esquece a historia...

Abraçamo-nos pela primeira vez.

II

Meses depois recebia carta do Adolpho. Era uma carta breve, a informar que o filho passava mal, muito anemico, e a pedir indicação de casa de campo onde pudesse tentar a saude d'elle.

Lembrei uma quinta perto de Ancêde..

Ancêde é uma das ultimas freguezias da antiga provincia de Entre Douro e Minho; beira com o Douro pelo sul, fronteira a terras da Beira Alta; e sobe até ao velho Mosteiro dos frades dominicanos, que em tem-

po a governaram. Paralello ao Convento, na freguezia de Santa Leocadia, ficam os antigos dominios do velho senhorio de Bayão, que ainda hoje conserva o nome de Paço.

É da Historia e principalmente da Lenda o grande poderio de D. Arnaldo, onde vão enxertar-se os ramos mais folhudos da boa linhagem da Peninsula.

Do velho solar existem ruinas. São os restos do palacio comido pelas chammas á ordem de D. João II, o inimigo temivel da nobreza..

A quinta é uma estirada encosta, que segue do Rio á matriz da freguezia.

Quebra a meio por um largo patamar, onde foi levantada uma casa em rectangulo, que domina o Douro e a curva da linha ferrea que em baixo desenha um S deitado, formado de pontes altas nas partes recurvas.

Eminente ao Douro, sóbe a en-

costa do Loureiro, vestida de pinheiros bravos e oliveiras. D'esta encosta, como do planalto do Paço, avista-se um tracto curto do Rio e o valle religioso do Bastança.

A paizagem, que no Alto Douro, é depressiva e tragica, melancholisa-se perto de Ancêde, como sombria da velha alma dos Mosteiros de S. Domingos e Ermêlo, ainda alli errante!

O Alto Douro, região de saibros e escarpas, é uma especie de Villa de Inferno, onde o sol se aborrece a queimar vinhedos, que, no outomno, vestem de labareda as encostas. Por entre galerias diabolicas discorre mysterioso e abysmatico o Rio, ora cobrindo e trabalhando as longas filas da penedia, ora seguindo, inferior aos granitos, a regougar nos recolhos contra as margens lividas, onde borbulham cachões de agua fervente, fontes de enxofre e ferro.

A penedia, estatuada do genio confuso do Rio, reparte-se em fileiras phantasticas! Encanam o Douro granitos macabros:—pedras negras e roxas, algumas luarentas, nuas de côr,—altos lavores de renda, ossadas-monstros, despojos carcomidos de velhas victorias da agua!

No Valle ainda recurvo de Ancêde o Rio alarga, espraiando a physionomia nova das suas aguas cansadas de Baixo Douro...

Fronteiras ao Paço, ficam as primeiras terras da Beira Alta, um systema de encostas caprichosamente quebradas que firmam as serras asperas de Montemuro e Gralheira.

Tal a paizagem que se insinua ou descobre do velho senhorio do Paço.

Adolpho, que acceitou a lendaria quinta, appareceu n'um dia cin-

zento do outomno, apeando no Loureiro com o filho, dois creados e uma senhora de edade, com geitos de ama velha, discreta e muito zelosa dos caprichos do Jorge.

Impressionaram-me tristemente os recem-chegados. Logo suppuz perdido o pequeno! Da creança que vira em Carreiros, e me parecera um fructo animado e perfeito, pouco havia já. Era uma figura frouxa, sumida em pelle de seda desmaiada...

O pae, muito livido, vinha tambem doente. Padecia do mal-do-filho.

—Aqui me tens com o Jorge, disse cumprimentando-me. O pequeno muito mal...

—Pode melhorar; deve melhorar! Era tão forte...

—Sei lá! Vês alem aquella arvore? perguntou, apontando para um sobreiro moreno... É das arvores mais valentes que conheço. Pois abate-a

um sopro do tempo. É de pequena raiz. Questão de raça!

Tambem as arvores têem genealogia, raça. E são as de melhor linhagem as que peior se entendem com a terra...

Não sei que disse.

Confessou-me que era a primeira vez que calcava os velhos dominios de D. Arnaldo. E, reparando na linda vista que o Valle offerece, elogiou a paizagem.

Disse-lhe que este trêcho era um ponto de Belleza que constava do mappa do inglez Forrester, como dos mais interessantes do Valle do Douro.

—Mau signal, disse elle sombreando as palavras. Jámais a Belleza deixou de perseguir-me. Oxalá a tua terra me entrave os agoiros.

Obtemperei não sei o que, inquirindo miudamente da doença do Jorge. E, já no carro, fui apresen-

tado á senhora alta que nos acompanhava.

—É a velha freira das Salesias, disse Adolpho em vóz sumida, aquella em que te falei, em tempo, uma que ia á grade com Maria de Lucena — uma santa!

Fui procurá-la, quando soube que o regimen a expulsava do convento.

Veio depois que lhe contei a minha vida, e a necessidade que tinha d'ella para amparar as minhas miserias, em que culmina a doença do Jorge.

Olha, lá vae ella a rezar. Continua as velhas contas com o Céo. Se, ao menos, aproveitasse ao Jorge o saldo de preces que lá deve ter!

Chegámos breve ao Paço, onde os recem-chegados se installaram. Percebi os cuidados que rodeavam o doente.. Em tudo governava o seu

capricho e a sua vontade, lassa de mimos e doença.

Retirei quasi logo. Sentia-me de mais n'aquella casa.. Doia-me falar do Jorge; presentia-o irremediavelmente perdido e temia trahir-me na fraqueza com que mentia, fabulando esperanças. Despedi-me de Adolpho, certo da sua proxima e irremissivel desgraça.

Passados dias recebi carta d'elle. Trazia no alto a nota extranha—*Posthuma!*

Li surpreso as seguintes linhas:

Amigo!

O Jorge morreu; vou com elle. Reserva-me no teu jazigo um gavetão. Chega para os dois. Adeus! Mudo de casa sem te offerecer os meus serviços porque creio que serei no outro mundo, de certo inconsciente,

a mesma creatura que fui n'este:—um nefasto para mim, um inutil para os outros...

Do velho condiscipulo e teu amigo:

Adolpho.

Parti para o Paço. Queria saber miudamente o que tinha havido.

Encontrei, na primeira sala, soror Clara muito serena, dando ordens.

Cheguei a suppor que tinha lido mal a carta minutos antes recebida. Breve duvida! Infelizmente tudo o que pensára de mau se confirmáva. Informou a freira que Jorge morrera de madrugada, suicidando-se Adolpho quasi logo.

—Eu contava, dizia a santa mulher, com a morte proxima da creança. Ha dois dias que mal se alimentava. Veio o medico do Porto, cha-

mado por telegramma, e logo o disse perdido.

Antes d'elle, ajuntou segura, já Deus o tinha julgado. O que não esperava era o suicidio do Pae. Não imagina, parecia conformado com a vontade de Deus. Nem uma lagrima o vi chorar. Esteve a afaga-lo, muito sereno, logo que elle acabou.

Depois compô-lo com todo o vagar e carinho; retirou ao quarto, e, passados minutos, desfechou sobre o peito a arma que além está...

Deus lhe perdoe. Elle era bom e temente da Egreja!

Allucinou-o a perda do filho.

Já mandei chamar o snr. abbade, accrescentou. Informaram-me de que está um encommendado. O antigo abbade fugiu. Persegue-o a auctoridade por questões religiosas. Parece que já assaltaram duas vezes a residencia á procura d'elle. Temo que o encommendado não saiba os

caminhos. Admiro que não tivesse vindo!

Soceguei a pobre senhora:

—Que viria o abbade de Ancêde, se faltasse o de Santa Leocadia. Depois pedi-lhe que me indicasse o logar onde descansavam os mortos. Queria vê-los.

—Estão além, disse ella. Acabei ha pouco de amortalhá-los.

Cortámos em diagonal a sala, seguindo para um aposento do nascente.

Era um quarto amplo de tres janellas largas, das quaes só uma, meia aberta, dava luz aos mortos.

Rente á parede estava uma cama alta de pau santo, cabeceiras de talha grossa e columnas esguias pouco trabalhadas, suspendendo um docel côr de gemma. Sobre a cama, coberta de damasco verde-limo, pousavam os mortos.

Adolpho tinha o aspecto de

quem descansava, sereno, a labuta de velhas lidas.. Nem uma feição descomposta! Só a côr lhe inculcava insensibilidade, o drama de horas antes.

Vestia simplesmente,—um fato leve de viagem.

Devia ser uma viagem religiosa a que ia tentar, pois que tinha as mãos erguidas em prece.

Unia-as um rosario de contas grossas de azeviche. Presumo que Deus não attentasse nas camandulas, uma lembrança que soror Clara mandava ao Eterno com o pedido de salvação para o Suicida. O que não podia deixar de rever eram as mãos, tão finamente desenhadas, de Adolpho—agora d'uma belleza nua de vida. Eram ao mesmo tempo um indice de raça, e a prova suprema da arte sobrenatural do Divino Oleiro!

Rente ao Suicida, descansava Jorge, desfigurado pelo arrepanha-

mento da sua doença longa. Era um ex-voto de cera, meio gasto e abandonado, tão exigua e pobre era a sua figura, outrora travessa e leve, tumida de vida!

Contemplava-os ha momentos, quando me distrahiu a entrada de uma mulher nova, vestida de negro, que entrou no quarto dos mortos e quedou assombrada a encará-los.

Era Maria de Lucena, que chegara no ultimo comboio. Vinha ver o filho, que suppunha doente. Encontrou-o morto com o Pae.

Foi serena beijar o filho, e, depois, as mãos brancas de Adolpho, que fitou por largo tempo.

A face d'elle tinha agora tonalidades esparsas d'um verde delido— que se casavam ás expressões do olhar de Maria de Lucena a reviver amores mysteriosos na expressão suave e funda dos seus olhos verde-liquidos.

Retirei para o salão. Era-me penoso espreitar a dôr d'aquella mulher extranha, soffreando os baldões do desespero intimo.

Talvez pensasse que lhe negava o direito de soffrer alto a sua culpa.

Acompanhou-me soror Clara, scismando na falta do Encommendado. Ia escrever para Ancêde, deferindo os melindres da religiosa, quando foi annunciado. Surprehendeu-me o seu cartão que li alto:—*Padre João Sande*..

A Freira curvou-se sobre a tira mal lithographada, como para ver se me tinha enganado.

E, vendo que não:

—Louvado seja Deus! Como juntou n'esta casa os culpados d'um só delicto! Que Elle lhes perdoe e os tenha em sua santa graça...

Entrou o Padre e cortejou perturbado, encarando soror Clara, que o viu serena e lhe disse para que o

mandara chamar, o que se tinha passado.

—Já sabia. Mas infelizmente, informava o padre a medo, não podia intervir.

Que lamentava tudo, dizia, demais tratando-se de pessoas com quem tivera relações. Mas a Religião era inflexivel, só servia os fortes! Seria tibieza da sua parte transigir com pedidos ou imposições de sentimento. A Egreja tem, dizia em surdina, obrigações que não pode pôr de lado. Os suicidas estão fóra da Egreja. Não podem beneficiar da liturgia catholica. Estou ha dias a pastorear Santa Leocadia. Hei-de cumprir os meus deveres. As Constituições do Bispado...

Não acabou o arrazoado.

Poz-lhe termo Maria de Lucena, surdindo, senhoril e tragica, do quarto dos mortos e intimando-o a sahir.

—Já! dizia segura da obediencia

á sua ordem. As Constituições do Bispado foram previdentes, impedindo que viesse entrudar com os mortos a sua velha farça de padre-palhaço. Vá!

E apontava-lhe a porta, envolvendo-o em seu olhar de verdade, agora acceso de nojos.

Elle sahiu.

O enterro foi no dia seguinte.

O acompanhamento levava pouca gente:—os creados, alguns caseiros da quinta, Maria de Lucena e eu. Cortejo simples, seguindo lento a estrada, e atravessando Santa Leocadia desacompanhado de symbolos religiosos.

Na linha divisoria da Freguezia esperava o Abbade de Ancêde, um velhito curvado, simples e bondoso, que, sereno, resou o primeiro descanso dos mortos.

Ao seu gesto de rudez boa, alçou a Cruz de prata um camponio de opa escarlate e capello branco.

Era a cruz rica da Freguezia, velha dadiva d'um representante do antigo senhor de Bayão — ascendente illustre dos mortos.

O caixão de Jorge ia aberto e era conduzido por quatro creanças fortes, que me lembraram o lindo pequeno que eu vira no Castello da Foz a batalhar alegrias, agora mortas.

Elles levavam-n'o com cautela, como quem conduz uma arca de joias.

Entramos no Cemiterio quando o sino do velho Convento de Ancêde rezava as Trindades.

Foi aberto o caixão de Adolpho, que o velho padre refrescou de agua e palavras santas. Attentei pela derradeira vez na sua figura branca.

Deu-me o mesmo perfil tragico

e fatal que, ha muitos annos, atravessava o Estudo e os recreios com uma só expressão—a expressão resignada de mysterio e dôr acceite.

Os creados desceram os mortos ao primeiro prateleiro baixo do carneiro. E terminou a cerimonia com o liturgico latim do velho. Maria de Lucena não deixava de o fitar, agradecida.

—Alli estão oitenta annos de bondade, informei.

—Reconciliou-me com Deus, confirmou ella.

O velho orou ainda, ajoelhado sobre a pedra que fechava o armario raso, de granito.

Maria de Lucena beijou a mão do sarcedote, despediu-se de nós e partiu com soror Clara, que a esperava, em carruagem, na estrada.

Fiquei a interrogar-me sobre as ultimas figuras do drama a que as-

sistira:—Soror Clara, Maria de Lucena, o padre Sande...

Tudo desapparecera, como á ordem do Mysterio!

Desceu a Treva, genio-phantasma do Tempo, e apagou, subito, os ultimos desenhos d'aquellas figuras de tragedia.

Só Adolpho volveu a aparecer-me na camara escura da Noite, transformando-se, revelando no Novo Mundo outras formas, e imprimindo sempre a cada forma aquelle geito livido e fatal que espectrava para além de si a Alma do Destino!...

DELICTO DE AMOR

A Alvaro Pinto.

Era *Tiberio* o Senhor. *Cristo*, o —Poeta excelso, havia sido crucificado na Judeia.

Paulina, muito privilegiada de nascimento e formosura, havia casado por mera razão de sangue com *Saturnino*, que amava segundo a Lei, como lhe aprazia e aos deuses, brandamente.

Uma tarde passeava ella em Roma, por entre cedros, contemplando o cahir do dia, quando presentiu approximar-se *Mundo*.

Foi em uma d'aquellas tardes de que falam os velhos livros, tarde

mysteriosa, voando, indecisa, um céo extranho.

Mundo sentiu desde logo por *Paulina* a mais escandecida das paixões.

Era elle um gentilhomem, distincto entre os nobres, destro em armas e amores, senhor de largos cabedaes, boa presença e feitos.

O encontro com *Paulina* tonteou-o. Logo se deu a persegui-la, e desfiando o brio em desejos, resolveu tentar a posse d'ella atravez de tudo. Sacrificaria a propria vida, pensava!

Esgotou breve os recursos vulgares da seducção. A virtude de *Paulina* valia tanto como a sua formosura, mais do que o amor d'elle!

Desesperado, recorreu ainda a um meio vil—offereceu-lhe duzentos mil drachmas! A posse d'ella justificava a seus olhos tudo—o proprio recurso de tão baixo meio.

Ora a offerenda irritou profundamente a virtuosa mulher de *Saturnino*.

E tão indignada foi a sua repulsa, que d'ella concluiu o desassocegado amante pela impossibilidade de jamais a possuir. Nem a moeda, nem o amor a venciam.

Perdida, abandonada toda a esperança, resolveu morrer. E morrer pela fome para castigar o desejo. Queria torturar-se. Solver em agonia a dôr-paixão, a verdadeira dôr!

Foi então que *Isé*, a serva, mulher ladina, que sondára os infortunios de *Mundo*, entendeu propôr-lhe um meio derradeiro de obter a posse de *Paulina*.

—Ia ver, desafiava, qual valia mais, se a astucia d'ella *Isé*, se a virtude da romana.

Vingou a astucia.

Sabendo que *Paulina* era devota da deusa *Isis*, foi procurar os

sacerdotes ao Templo e offereceu-lhes vinte e cinco mil drachmas para a mystificarem.

E logo o caso foi assente com os sacerdotes.

Por uma tarde opaca, partiu o mais velho a procurar *Paulina* e a participar-lhe que o Deus *Anubis* a solicitava e queria *conhecê-la* no Templo.

Havia ella acabado de ler o *Methodo de afugentar a Tentação.*

N'um largo incensario ardiam raizes de cedro, polvilhadas de ambar.

Paulina, que soffria de melancholia, andava a tratar os sentidos.

Sobre o seu corpo divino quebravam os ultimos feixes de luz, que pareciam incendiar aquelle aroma em labaredas frouxas, côr de lirio, que, consistentes, a vestiam.

Eram de neblina rôxa os véos que a recobriam e fluctuavam.

Quando ouviu a missão do sacerdote sentiu-se transportada a um mundo de nevoa! Fôra bem recebido o Enviado. Tudo se aprazou.

O encontro com *Anubis* devia ser d'ahi por dias...

Entretanto preparar-se-iam as festas. Era preciso honrar as bodas divinas.

O Templo, em pedra exquisitamente laivada, era enorme. Tinha sido trabalhado, havia annos, por dez mil operarios, dos quaes cinco mil lavrantes.

Abria por um portico magnifico, encimado pela figura de *Isis*, obra de estrangeiros.

Tinha vinte e cinco camaras e extensas galerias abertas em arcos puros d'uma architectura firme, descidos sobre columnas multiformes.

Consumira numerarios soberbos. Povos visinhos tinham forneci-

do larga quantidade de ferro, cobre, bronze e toda a casta de metaes, cedro, gemmas, pinho excellente.

Ao centro do edificio havia a Camara Branca, destinada aos sacrificios, vedada aos profanos.

Era uma camara forrada de marfim, com um largo altar de bronze, baixella, pannos bordados de purpura-lyrio e escarlate, galerias de prata e cedro, mesas de limeira e metaes nobres.

Foi a Camara adaptada aos amores de *Anubis*.

No espaço mais largo assentava o leito, de madeira aromatica, embutidos e lavores copiados da Natureza.

Dava accesso ao thalamo uma escaleira de oiro.

Na tarde aprazada, sahiram os sacerdotes revestidos a procurar *Paulina*.

Atravessaram a calçada de pedra negra, que ia do Templo á Praça Publica, em cantos suaves, enaltecendo *Anubis* e o amor sensual.

Chegaram ao Palacio de *Paulina* á hora do sol-pôr.

Em breve ella entrou para uma liteira doirada, fulgente de preciosidades, conduzida por ethiopes. Ladeavam-n'a gigantes loiros do Norte, quatrocentos creados e libertos.

A sua figura, de linhas puras, corpo d'amphora, gracil e abandonada, esbatia-se nos véos que a revestiam como a imagem de um sonho bom em nuvens que dispersam...

Uma fita larga e lenta de olor marcava o percurso da nobre dama, pois que fôra incensado o caminho.

Ao lado, nos montes côr de alecrim, pastavam ovelhas alvas, de olhos doces, soando bronzes, presos do pescoço, a cada flôr de rosmaninho que mordiam.

Guardavam-na pegureiros nús, de pelle de ambar, cantando em frautas de canna a sensualidade ingenua dos campos.

Orchestrava tudo a tarde, aquella tarde criminosa e memoravel que morreu á hora em que *Paulina* entrou no Templo por entre nuvens de incenso, o resplendor de quatro mil luzes, e o estridor de mil trombetas e alaúdes.

Uma vez no Templo, Luz e Som acompanharam *Paulina* até á Camara de Marfim, morrendo em beijos suaves n'uma reticencia discreta sóbre o seu corpo nú...

Ficou a Noite, a sombra pura, a agasalhar aquellas nupcias d'uma extranhesa criminosa!

O amor não quer outra luz.

. . . .

Pela madrugada, que alvoreceu um dia baço, entendeu *Mundo* dever

romper as malhas d'aquella rede de amor innarravel, e cautelosamente, mysteriosamente, abandonou o Templo e com elle o corpo de *Paulina* que pagara os desatinos da sua loucura sensual, e valia bem, pensava o falso *Anubis,* um deus authentico, e o commercio carnal dos mais escrupulosos habitantes do Olimpo!

Mas a vida é a dôr por viver...

O desejo, infinito de imprecisão e desatinos, não o deixou mais.

Aquella noite servira-lhe a carne e os sentidos, mas era a posse imperfeita da mulher. Figurava-se-lhe agora, torvamente, um sonho lubrico de algumas horas de fraude, no fundo um pesadelo!

O espirito de *Paulina* pertencera inteiramente a outro—a *Anubis.*

A innocencia d'ella aguava-lhe a felicidade.

Devia perturbar a ventura dos dois, pensava, pleno de orgulho.

Todo o amor se volve afinal em uma só forma—o *amor proprio,* espelho do que valemos ou imaginamos valer.

Ora, no episodio do Templo tinha havido, segundo o amante de *Paulina,* um desvio que era preciso corrigir.

Entre os dois levantára-se o phantasma do divino *Anubis,* cuja memoria queria expulsar de *Paulina.*

Elle não acreditava em tal Deus. E, entretanto, a sua sombra era real.

Sombra horrivel d'um vulto que não existia...

Infeliz que era! Vencida a virtude da nobre mulher, tinha que separá-la da memoria que o seu mal-de-imaginar creára!

Não podia ser, ia contar-lhe tudo. Como haviam de amar-se, depois!

E, cheio de fé, correu a procurá-la.

Fatalissima hora! Conhecedora da aventura, *Paulina* jurou vingar-se.

A virtude exasperada é cega.

Permittira-se a orgia d'aquella noite em honra da intimidade a que aspirava com um deus impetuoso e lubrico.

Assim, como lhe era contado, o coito supplementar ás relações da Lei transformara-se-lhe n'um crime tão abjecto que só de recordá-lo a memoria lhe escurecia!

A virtude, que se lhe afigurara invencivel á tentação, á violencia, como á brandura, fôra afinal illudida; não resistira á prova de um amante ousado. Cedera a um ardil!

E ella, a louca, scismava em delirio que não entravára os impetos da carne!

É que o corpo, que a natureza lhe modelára n'uma singular harmonia de curvas, inda ha pouco movidas de sensualidade instinctiva — tinha uma vontade propria que de todo se entendera com os desejos de *Mundo*.

O espirito que envasava, escuro e fraco, é que o não percebera!

Foi o pleito ao *Forum*. E certa manhã, sob um céo caliginoso, que parecia torvo do crime do Templo —todos os sacerdotes e *Isé* foram crucificados...

A propria estatua de *Isis* foi lançada ao Tibre, pois que affrontara indifferente, senão protectora, as bodas prohibidas.

Escrupulosa justiça! Não se affrontava impunemente o respeito devido aos Templos, no senhorio de *Tiberio*.

E, entretanto, *Paulina* clamava pelos Deuses, contra o *Forum*, contra o proprio Cesar...

É que *Mundo*, o verdadeiro culpado em seu juiso, fôra benevolamente condemnado a desterro!

Como podia ser? perguntava, doida de horror. Porque tamanha benevolencia para tão grande criminoso!

Improba tarefa explicar o que por si se entende.

Exquisita sanha a de *Paulina* e estreita Justiça a que ella concebeu e ainda hoje impera.

Flavio José—o primeiro historiador do mundo—narra sem admiração o successo.

Mundo foi simplesmente condemnado a desterro pois que a sua falta fôra uma cheia do desejo—um *delicto de Amor*.

Aprendam os juizes de hoje!

É que o proprio *Anubis* — o deus ludibriado — interviera manso e isento em seu allivio...

HUMILDES

Á Senhora Baroneza de Sabroso.

FRANCISCO PEDRO trabalhava no Douro desde creança.

Tinha quarenta annos, mais dez do que a mulher, Maria Clara, filha do João Lourenço, um arraes que a velhice arruinára e reduzira á caridade da familia.

Viviam todos pobremente. As boas horas, bem raras, do casal, entretinha-as uma pequena, filha unica de Francisco Pedro e de Maria Clara, que descontava os seus dez annos de graça na vida achacada e lenta do avô.

—Valha-me a tua alegria, dizia um dia o velho, fixando-a de olhos tôrvos, como a vê-la ao longe.

Em pouco mais reparo. Se já nem enxergo o Douro; salvo de noite, em sonho.

Ainda hontem me suppunha a marinhar no Cachão com o Sr. Forrester [1]. Santo homem! Não era soberbo. Assistiu ao meu casamento. Vinha a Porto Manso e pernoitava aqui, como se fosse da nossa creação.

Mal empregada morte!

—Se vivesse, disse Maria Clara, talvez tivessemos melhor fortuna. Não nos deixaria passar miseria!

—Ah! de certo. Era generoso. Sabia pagar a quem o servia.

Quantas vezes, ao chegarmos ao

---

[1] Referia-se ao Barão de Forrester, um negociante inglês, morto tragicamente no Douro.

Porto, o vimos no caes á espera do barco, muito curioso da nossa derrota. Perguntava tudo. Queria saber tudo. E, no fim, era certo gratificar-nos.

Tambem ninguem o desfalcava. Tudo o que nos confiava era sagrado. Ai de quem se atrevesse a tocar-lhe! Ainda eu corra o fado da agua se alguem lhe bebeu um dedal de vinho, roubado!

Um dia juntei em S. Paio a companha e avisei:

—Ficae sabendo que o primeiro que sangrar uma vasilha d'este barco tem de haver-se commigo.

Eu vou para a costa d'Africa, mas elle caminha direito para as guelas do Inferno. Pela minha salvação!

—Bons tempos, commentou Francisco Pedro. Valia a pena ser honrado.

—Vale sempre, tornou o velho em voz quebrada. O que não paga

a pena é fazer más acções. Por dois dias que andamos no mundo! Afinal, de fome ninguem morre. Um caldo e a graça de Deus entretêem a vida...

O que eu queria era saude! Para vós, entende-se, e para esta pequena, e perdia a mão ossuda, leve de afagos, nos cabellos escuros de Carolina.

Eu estou velho; quem andou não tem para andar...

—Oh! avô! disse a pequena com meiguice, eu hei de trabalhar muito quando fôr grande. Ainda havemos de ser ricos. Quem me déra ser grande! Leva muito tempo?

—Não, respondeu o velho, commovido. Mas já te não verei mulher.

Dista pouco da noite o sol-posto! Não tardo a partir...

Tu has de ter muitas saudades do avô?

Queres lá saber! Nunca mais te

lembras d'elle. Acabou...O que eu quero é que não desmintas os teus. Que sejas sempre boa.

—Para que? perguntou Francisco Pedro, n'um riso amargo. Ser bom é ser animal de carga, servir os outros. E' como ser honrado! Veja de que nos tem valido.

Emfim, gemendo e andando, diz a cartilha. Até encher! Que o desespero tambem ensina...

—Então, replicou o velho, não te ventou a fortuna! Que fazer-lhe? De paciencia tambem se vive. Mais annos de infortunio tenho eu e nunca desesperei. Nunca me deito, nem me levanto, que me não encommende a Deus e lhe agradeça tudo o que elle governa! E vê como tem sido bom. Conto perto de oitenta. Nunca esperei durar tanto...

—Grande milagre—trazê-lo por ahi a cortir dôres e a chorar-se pelos cantos!

A Vida é para os ricos. Se até morrem dos sobejos do bem. Se adoecem é de fartura! Sabe o que os medicos lhes receitam? Dieta! Em casa dos pobres é que não sabem receitar, não têem que dizer.

—Louva a Deus, disse Clara, e pede-lhe que te não castigue, que não precises de medicos...Bem peior do que a pobreza é a doença. Elle não nos tem dado fartura, mas vamos vivendo, o Pae como velho, mas sem achaques de grande monta, e nós bem. Sempre assim seja!

Bem pouco é preciso com a graça do Senhor. Eu o que lhe peço é que nos deixe viver a todos. Os bens dos pobres são os filhos, a familia. Emquanto tivermos o pae, a pequena...

—Está bem, disse o barqueiro n'um riso amargo. Já temos com quem repartir a fome. O teu pae, a pequena...

A viola? Vamos a folgar...

II

PASSARAM mezes.

Era a meio da ceifa. Um dia, Francisco Pedro, que fôra chamado á pressa pela mulher, quando labutava no Porto, entrou em casa offegante a procurar a filha.

Maria Clara, que tantas vezes assomára á janella, a ver se o avistava, detinha-se agora, scismatica, a attentar Carolina, tinta, abrasada de fébre.

Junto á cama d'ella, de pé, livido e vago, quedava o velho.

—Como está a pequena? inter-

rogou o remador, entrando e lançando, rapido, os appensos do barco sobre o soalho da saleta.

—Mal, disse a Clara, levantando-se e limpando com a orla do avental os olhos tôrvos.

Está para ahi!...

—E o medico?

—Esteve de manhã. Receitou uma agua que ella não quiz beber. Nossa Senhora da Guia nos valha!

A grande desgraça que nasceu comnosco!...

E o pae, sulcando de afagos a face sedosa da doente:

—Como tem emmagrecido! Era tão linda!

Não havia por ahi fidalgo que tivesse uma creança assim. Agora, tão desfigurada!

É uma semelhança!

Tinha os olhos como dois pharoes. Vê como está, cega de febre...

—Pobresinha, disse a mulher a

chorar. Há dois dias que não prova nada d'esta vida. Dão-lhe agonias. Tem um fastio de morte. Sempre abrasada, a arder dia e noite!

Por isso te mandei chamar...

—O Cesario deu-me a parte na Ribeira, logo que chegou. Nem sei como fiquei! Depois cobrei alma. Que remedio! Venho morto de canseira. Queria vê-la...

Pedi ao arraes para desamarrar o barco muito cedo. Sahimos com estrellas, e viemos amanhecer a Quebrantões.

Rio acima remámos a ajudar a vela até aqui. Viemos n'um suspiro!

O suor lavava-me. Parece que até o vento me ouviu quando falava ao arraes. Logo virou de bom lado. A vela trazia um peito por ahi acima! As coisas tambem sentem...

As cordas rangiam nas polés como se viessem a arrancar uma alma pesada do purgatorio. Estava a ver

que o coração me estalava, de alterado. Se lhe desse com uma pedra elle havia de doer-se! Quem se não dóe é a morte que no-la quer roubar, disse abafando os soluços na roupa crespa da doente.

E erguendo a cabeça velada de amargura:

—Nunca Porto Manso me pareceu tão triste. Julguei ouvir os sinos de Ancêde, abaixo de Paços. Tinha pressa e medo de chegar. Quando passámos pela Senhora da Cardia, cruzei os remos e pedi-lhe de joelhos que salvasse Carolina. Sabes onde está a imagem pintada ha tantos annos? É nos penedos altos, antes de Carrapatelo. Foi alli pintada quando a Senhora appareceu. Todos os annos o Rio a cobre, sem que a agua a apague. Pois pareceu-me vê-la desmaiar quando a fitei. A alma fez-se-me um lenço negro! O que me esperava! Mais valêra não ter vindo...

—Não te arrependas, disse a mulher. Seja tudo pelas cinco chagas do Senhor. Já prometti uma toalha de linho bordada á Virgem e uma lampada de azeite ao Santissimo se melhorasse...

—Boa ideia!... Promettes aos santos o que elles nunca te deram.

Azeite, linho—onde tens tu isso? Promette, e depois cá está o negro para trabalhar dia e noite, a esfarrapar os pés nas pedras do rio, a encharcar-se, a remar contra o vento, contra a agua, contra tudo!

Tu julgas que não amargo a soldada, e que a soldada chega para comprar este mundo e o outro!

—Manoel, cala-te! Olha que Deus pode castigar-nos!

—Está bem, ha de haver para tudo. Se o não pudér ganhar, hei de ir roubá-lo.

E irei de boamente. Não é peccado roubar para pagar ao medico,

para offertar aos santos...Havemos de salvar-te! Não é assim? disse voltando-se para a pequena.

Olha que não almocei. Mas trago-te muita coisa,—uma bola, um boneco, coisas caras, que por lá não ha brinquedos para pobres.

Fiz de rico. Vá de alegrar! E lançou os brinquedos sobre a cama.

A pequena esgarçou de duvida os olhos vidrados, vagos de cobiça; agarrou a péla que lhe fugiu a rolar; e decahiu, lassa, sobre a almofada...

III

TARDE escura de dezembro.

Quando o remador cruzou a porta, as arvores desmaiavam.

Nos montes de Alem-Douro a noite desfolhava as carvalheiras, que se revelavam, phantasticas, na caligem, como *aigrettes* de sombra.

Francisco Pedro deteve-se á entrada de casa a attentar a paizagem, a espiar a penedia, que, fixa da scisma mysteriosa das velhas convulsões, parecia errar pela encosta penumbras doloridas...

—Oh mulher, disse elle para dentro, a nossa filha morre!

—Cala-te, tartamudeou ella, transida.

—Anda cá. Vem ver! Parece que anoitece mais cêdo.

Subito, cortou a meia treva a linha quebrada de um relampago e logo um trovão que apagou no vale os regougos do Douro.

—Vês? disse o remador supersticioso.

—Encommenda-a a Deus, volveu-lhe a mulher, e continuou a oração que rezava, apressada, de joelhos.

Chegou a noite. O barqueiro considerava, abstracto, o Tempo que avançou a nova hora escura alastrando-se lenta, em nodoa sobre a Terra, agora commovida do seu immenso drama...

A casa, a meio do logarejo, perdida nas trevas, abria na encosta um tumulto de dôr.

Carolina ia acabar! A Morte scenographáva-se na meia-escuridão que refolhava penumbras por aquella saleta lugubre, onde a chamma sinistra do candil parecia arder um halito derradeiro.

Maria, que se havia levantado, continuou, alto, a oração, encarando, fixa, uma imagem de barro.

Entretanto, Francisco Pedro errava pela casa, agitado, de olhos doidos, a perscrutar a noite, agora tenebrosa, movendo azas de resplendor negro sobre a face quasi-cera de Carolina...

Houve um momento em que a doente pareceu melhorar.

Serenou.

Maria Clara rezou a meia voz a *Magnificat*. Emquanto Francisco Pedro quedou a attentar a moribunda

e depois os labios brancos de Maria a discorrerem, religiosos.

Esta voltou a ajoelhar perto da doente, até que descahiu devota, sempre a rezar, sobre o soalho duro.

Carolina brandiu os braços em gestos de arremesso.

Havia soado a hora afflictiva; entrára na agonia.

Após o socego apparente, agitou-a um fremir extranho que era a passagem da sua alma pura a uma atmosphera nova...

Divinal figura! As palpebras eram azas sobresaltadas a bater sobre os olhos abysmaticos,—trevas liquidas de brandas agonias.

Abria-lhe a bocca descorada um fio quebrado de voz—sussurro de fonte a cansar.

O peito refluia-lhe, incerto, o ar custoso da morte, anceando-lhe o busto n'um arfar que lhe encendia a carne.

De repente, socegou. As mãos, ainda antes febris e agitadas, cahiram lassas, como dois pequeninos leques de marfim abandonados.

Velou-lhe o corpo a quietação da morte. O peito, pouco antes oppresso, deixou de ouvir-se.

Fixou um ponto distante. Até que a morte lhe desceu as palpebras como azas frouxas sobre os olhos vidrados, gelosos de esperanças mortas...

Passára n'um suspiro brando.

Um grito de desespero cortou a voz do vento, que encapellava fóra o mar escuro da ramaria, a esfrançar-se, estertorosa, pelo chão.

Maria Clara, oppressa de des-

graça, premiu a morta contra o peito, afflicta, a soluçar.

Depois o seu olhar desvairado deteve-se em Francisco Pedro que attentava a filha, espectral, curioso, como que a sondar-lhe a morte.

Sinistra figura a do pobre remador—um marmore de desespero!

A physionomia, que ainda ha pouco errava esperanças, fez-se-lhe breve um relevo de desgraça, velado de sombra fria. Quedou calado, de olhos enxutos, tranformando-se, deformando-se, tão sinistro de mysterioso, a fixar a filha, tão possuido e perto d'ella, que a mulher estremeceu e gritou por elle:

—Francisco! Por Deus, não te agonies. Deus nos valha! Que tens?

—Olha, mulher, parece que me arrancaram do peito uma arvore que deixou lá uma cova onde cabe a Noite. Tão funda...

Está cheia da sombra d'ella,

que cresce cá dentro uma dôr fria que quasi me trespassa, parece que me abre...

Fixou de novo a morta. E subitamente curvou-se sobre ella como a procurar-lhe na bocca as palavras, o riso.

Não fala, disse como para si...

—Francisco! chamou Clara. Que tens?

—Eu? perguntou elle somnanbulo. Que tenho? Nada...

Estou contente como um dia de fieis defuntos!

E desatou a rir.

—Francisco! gritou Clara, levantando-se. Socega! Por Deus!

O remador foi junto da cama de Carolina e esteve sereno a compô-la. Depois, fez com o polegar uma cruz sobre a testa da morta e disse á mulher, forte de louco:

—Esta casa é o nosso cemiterio. D'aqui ninguem a arranca!

Nos refolhos da cama, desmanchada, espalhavam-se os brinquedos de Carolina—a péla, o arlequim de trapo.

Francisco Pedro ergueu o palhaço, que, apertado, soltou uma risada de metal.

Espantado, repelliu-o de si sobre a cama, onde elle ficou a rir, n'um *rictus* pintado — o riso perverso das coisas, mudo e chocarreiro, ao lado de Carolina—uma miniatura da Morte,—a dormir, serena, o seu frio sonho de ambar...

Fóra, o vento ramalhava as arvores, bailando as sombras, cortadas dos relampagos.

A tempestade desencadeára-se.

Subito, veio uma lufada de vento, humido da chuva, que pelo valle escorria cordas de agua.

Inesperadamente, escancarou as

portas do casal, apagando a candeia e lavando o lar humilde que n'um momento redemoinhou um cyclone de cinzas.

Eminente á encosta, estalou formidavel um trovão que pareceu tombar sobre a casa, rolando pelo valle ondas de sonido.

Quando a labareda verde-azulada dos relampagos illuminou o casal, Maria soluçava ainda abraçada á filha.

Perto estava João Lourenço, indifferente, quasi perdendo a physionomia terrosa na treva—suave e abstracto—tal como um symbolo do tempo, vivendo, intimo e longe, os aspectos da sua tragedia.

—Louvado seja Deus! disse Maria d'entre o tumulto.

—Deus?! repetiu sinistro o remador.

E' o Vento, mulher! Não ouves?

E, em grita, doido, curvado sobre ella:

—E' o Vento, que lá fóra voa os montes e nos vem buscar.

Vem buscar a nossa filha...

Vamos todos!

LA CASA DE LES OMBRES

(Traducção catalã de I. Ribera y Rovira)

VILLA-COVA era l'antiga casa pairal dels Villalvas i Vieiras. Queda una llegua ençá de la vella séu de Bayão, dessota de la Mare de Déu del Loureiro, abans d'arribar als matolls o roquicers que apuntalen les primeres serralades d'Amarante. És una clotada amb camps de regadiu, envoltada de puigs mal vestits d'arceres.

Els camps, ben assaonats p'els torrents que creuen les serres properes, s'estenen, ufanosos, en catifes verdes. Les comes, allunyades dels

torrents, cobertes de motes i punxes, viuen de les matinades humides, de les boires.

Quan el mig-dia devalla fins als camps, lluen dels regadius tiges blanques i brillants que semblen bocins d'espill.

La vella masia dels Villalvas és avui un casalot desconjuntat que's redreça entre eures allargaçades que sospenen laberints de brancatge xorc, desfullant-se sobre les teulades negres.. Les escletxes de les llosanes, el desnivell de les parets, la llum groga-verda que's cola per l'encanyiçat del sostre-mort i p'els trespols, aixi com les runes de la capella i l'ermot del claustre, s'hi presten a representar recordances! La masia ve a ésser com una ossada de l'enyorament que s'esmicola en aquella clotada encatifada de messes...

Sembla que hi hagi encara en aquelles runes una lenta expressió

de sofriment! Les eures, embolicades per la velluria, escampant a la ventura flocs de fullatge, han tapat el vell rellotge de sol que altrora va marcar al trist casalot tantes ombres bones: alegries que'l temps ha decandit.

El desti l'ha tornat inutil al pobre rellotge de sol, substituint-lo per un més gran, la fosca brancada, un veritable rellotge de penombres! Rellotge dolorós de la semi-claror, que durante el dia esfuma a l'ombra ganyotes de dolor damunt la pedra livida del casalot-calavera, com per a provar que la materia també pateix...

Fa pocs anys que encara vivia el darrer representant de la casa.

Era En Manuel de Villalba i Vieira, un estatuari de l'Escola de Belles Arts, de París, que vingué a esboirar records del séu talent esgarriat à l'ombra d'aquell recó.

En Manuel, acabat el curs, va viure alguns anys a Lisboa, on va extremar-hi la vida aventurera i bohemia, la seva originalitat i la perfecció del séu art. Va notabilitzar-lo, sobre tot, una de les darreres obres seves, l'*Altra Venus* (dóna feta adolescent en el vici), un marbre d'on feu sorgir una figura estranya, de corbes suaus e indecises.

Va arribar a Villa-Cova una tarde, las de nervis, com sa mare, una figura excèntrica, espectral i blanca, tant lluny de les terres i del temps que travessava, que's diría una imatge sortida del taller de l'artista, símbol de vella noblesa, cisellada en hores de regressió. En Manuel, a Villa-Cova, rarament treballava. Vivía molt reclós, o contemplant el paisatge emmalaltit, volant encertar la seva ànima amb la vida lenta de les coses, afegint-se al séu enuig la melangía de la pobra masía, ara es-

devinguda una esfera rara, un rellotge misteriós d'ombres...

A les hores lívides de la tarde compareixía Dóna Lionor per a distreure el fill, atiant-li, sentint-li la confessió de les seves tristeses, senzilla i genial en el séu amor, animant-lo a parlar-li com a una confident que sab sentir les més extremades queixes.

S'asseien ambdós vora l'açut, en el tronc d'un castanyer buidat com un canapé, i allá hi passaven hores i hores, vora la cequia, que s'esmunyìa lenta, murmurant els séus planys...

Estranya gent! Ella, molt blanca, en una actitut de santa, figura de somni envellit, desplegant de l'ànima cansada fils de veu amarats de tendresa; ell, malendreçat, neurótic, d'esguard poruc i llunyà, barba negra i arranada, llargues melenes—

un nazaré de color i de tristesa, ara corbant-se amb gestes aspres per a subratllar la seva paraula solta i entelada, ara discret, mut, escoltant-se a Dóna Lionor que li anava desxifrant, tota conformada, la seva figura esfíngica de taciturn!

—Estàs, doncs, més asserenat? —ella li va dir un dia, afalagant amb la má llarga i fina, arrugada i sedosa de vellor, el rostre terrós de l'artista. He vist que has treballat molt, avui. Fa poc que t'anava a veure, per a estar amb tu, peró no m'he atrevit a traspassar la porta del taller. No m'has sentit? És clar: com que jo me n'he entornat a poc a poc, donant un pas a cada cop de cisella. Si ho vas fent així, aviat acabarás la teva obra, que ha aventatjat el propi model. No puc creure que la dóna que t'ha es-

troncat la joventut, el riure, pugui ésser així...

No t'o dic per odi. Jo no li vull cap mal a la Rosina. No vull cap mal a ningû...

Ja sabs com me la prenc l'historia dels teus amors. No tens secrets per a la teva mare, i fas bé.La teva infelicitat, al cap-d'avall, és un cas vulgar, del qual te'n salvarà el teu propi cor, quan a Déu li plagui...

Un dia o altre compendràs lo que vals, sabent lo que la Rosina valía!—

I tot-d'una, com si el volgués distreure de la conversa:

—Per què no anem a passejar? Vols anar al turó dela Trapa?

—És lluny—digué l'artista.

—I no, home; és a dugues passes...

—Ai, mare meva, la veritable Trapa és aqui! La nostra casa és un convent de silenci i ombres! Si Déu

i els meus desconorts poguessin entendre's, jo valdría en penitencia tant com la regla dels frares blancs.

Jo crec que la llegenda està equivocada. Fou aquí, certament, on el nostre avantpassat volgué fundar-hi el convent...

S'hi adeia bé en aquest retir de tristesa. Aquí s'hi sent la pau ombrívola dels cementiris. I, amb tot, me costa de conformar-m'hi amb aquest silenci evocador! Ja solament existeixo en les meves recordances. Me penso que és la meva antiga ombra la que'm projecta!

És el propi dolor que'm va ablanint el vell martiri dels sentits.

Me sento morir a bocins, peró pressento que será el cor el darrer a morir-se!

Sigui lo que sigui, sols admeto Déu en tu! Hi ha hores en què l'impiu té dret, p'el sofriment, a l'ajuda de Déu.

Si Ell s'hi nega, o posa condicions al desconort, no més existeix per als bons...

Oh! en tu, mare meva, jo sé que Ell existeix!

—En la vida, sols la desesperança pot esdevenir irremeiable!

No reneguis! Déu, que coneix la raó dels nostres enuigs, sabrá perdonar les nostres errades...

Enlaira el pensament a Déu, i foragita del cor tot alló que't distregui d'Ell. Agraeix-li les amargures, la vida, el talent...

Ah! no és, ben cert, el record de la Rosina, lo que ha donat a la teva estatua la bellesa que té!

La Rosina no pot ésser així: no més el talent, que és de Déu...

—Oh! mare meva, t'equivoques! Aquell marbre és sols una ombra d'ella, una ombra blanca que s'espectra des de les meves tenebres, a fí de que'ls demés l'ovirin bé, en

la nit que porto a dins, en la nitq ue'l mateix art ve a ésser per a mi.

—Peró els encisos de la seva inefable figura no-'ls hauré mai més!

I, malgrat això, encara ahir me va semblar veure-li moure el cós dessota el vel de marbre que parcialment la vesteix. Quan treballava, me semblava que la propra figura em menava el cisell, resistint als més petits capricis. I quan vaig emmotllar el pit, que's redreça com una urna, va semblar-me que sentìa el séu cor. M'equivocava. Era el meu...

Al coll, hi sobrava un vel de marbe. M'ho semblava...

Va resistir-se, contra la meva voluntat, a l'acer del cisell. Vaig petonejar-la en un encegament de dolor, d'amor...

Era un vel de neu que me'n vaig emportar en els llavis frets. El bust restà nu, perfecte...

Oh! mare meva! perdona'm si et

parlo així. Peró tu no ets com les altres mares. Comprens que tot desconort és ignocent, i escoltes tot desconort.

Ets tant divina, tant divina, que't crec excelsament humana. Per això et conto les meves miseries, com ho farìa, ja ho sé! amb Déu, si fet home tornés a aquest mon.—

I, en una ombra lívida de rialla:

—Ês clar que si devallés no vinrìa a Villa-Cova per a confessar-me!... No més tu em pots sentir, sabs sentir-me!

Tu... i la Rosina! Ella! Rosina, que fou el caprici de la meva vida, del meu art, que jo vaig veure dalt d'un escenari plorant i rient motius d'art, la dóna que vaig trobar embriaga, el cós nu, alternant amb l'infamia la gloria efímera dels teatres: com vols que jo, ferit p'els séus desprecis, p'el séu ànim trencadiç i futil, pugui creure-la capaç de sen-

tir-me, agermanar-la amb tu que ets més per a mi que jo mateix: el meu inrevés en puresa!

Ah! com ha fugit baixament de-ls meus afalacs. Que vulgar i baixa era la seva ánima de comedianta. Va cansar-la el meu amor, trenat d'impertinencies, rauxes i gelosíes. Avui viu com abans de coneixê'm: destrenant festeigs, capricis!

Vet-aqui com han acabat aquests tres anys de amargors, de culte, de devoció incondicional per ella!...

—No més n'hi ha un de culte que'ns compensa, Manuel: és el culte que tenim à Déu!

—I quim mal li he fet a Déu, per a que'm deixés amb l'infern en què he viscut?

—Ell prou sab la raó dels turments que reparteix. Jo li agraeixo les teves propies tortures que m'han tota folrat de dolor! Me recordo que ets el darrer de la familia,

i Déu, potser, ha volgut redimir en tu les faltes de tots els nostres. Peró ja se't deu acabar el teu desconort. Procura oblidar la Rosina. Pensa que fou Ell, certament, qui va determinar que't deixés. No era digna del teu amor!

I Déu sols protegeix els amors dignes: aquells que la seva Englesia sagramenta. Oblida-la...

—Oh! mare meva, que'n soc de desgraciat! Al cap-d'avall ningú em pot compendre, ni tu! Ara veig que ets menys humana que divina!

Pensa que abans de coneixê-la havía trobat dotzenes de dònes honrades. Vaig saber la vida de la Rosina, vaig conéixer alguns dels séus amants; ela mateixa em va contar episodis de la seva torpitut; va horroritzar me tanta maldat, i més encara la seva *vida indiferent,* que és la vida del teatre, i amb tot, vaig caure a la

xarxa dels séus encants de dóna de món, de dóna de tothom!...

Un dia va dir-me:—«Me sembla que no posseeixo cap sentiment propi. He après al teatre a encarnar el moment que passa.»

Doncs era quan parlava així com més m'exaltava i atreia.

I avui, despresiat, substituit per un ximple, un d'aquests tipus inferiors que amoblen els *camerinos*, me sento més lligat que mai a ella. M'acosto més a la Rosina, quant més m'allunyo de mi.

Hi ha hores en què'm veig molt lluny; i, per això, mai deixo de veure-la i sentir-la. Allá on me trobi, estic amb ella. Me tornaré boig! Oh, el somni d'aquesta nit!

He somiat que era a Sintra. Dessota el cel fresc del fullatge, a Pena...

Nosaltres, la Rosina i jo, reposàvem a l'ombra acollidora d'aquel-

les arcades verdes. Jo vivia d'esperances; ella, la vida dependent i passiva de les ombres....

De sobte, vaig atraure-la amb afalacs. Va fitar-me trista, esgrogueïda la mirada de verdet en una expressió bufona i va dir-me:«Que és lleig ésser pobre! Per no portar joies falses, porto el coll nu; sento que se m'hi claven els ulls de tothom! Ni uña joia me'l defensa...»

I jo, anguniejat, embogit, vaig evocar el Geni del Pervindre. I vaig pregar-li, vaig demanar-li que'm deixés avançar a les conquestes de lo possible, que era no més per a complaure la Rosina, i prou...

Va avenir-s'hi. Va ferme humanament diví! Vaig utilitzar el foc en robís; vaig cristal litzar gotes d'absenta, de mar: volía esmeragdes noves; vaig recordar-me de les teves llàgrimes, mare, i em van sortir perles de puresa, sants joiells; a l'últim,

vaig ensinestrar-me en gelar sentiments, i vaig obtindre pedres misterioses, indecises. Res la complavía!...

Vaig repenjar-me sobre 'l séu coll i vaig posar-li un collaret de petons. La mirava corprès dels meus afalacs, orgullós i tímid per si la malmetíen!

Va rebutjar-m'ho tot! Volía les joies que llampeguegen p'els aparadors, les que's rumbegen p'els escenaris... Va fugir-me. Jo li corría al darrera fins que la vaig perdre de vista al pujar a un vapor que l'esperava, lluny, en mar... Se me la va endur, més aclofat amb el pes de les seves ingratituts i del meu desconort...

I el mar, gromullat de barques, amb veles en triangle, semblava sembrat d'ales esbocinades de papellones que s'ennegriren quan el vapor singrà.

Era el mar alat de la meva desventura, el vaixell de les meves enyorances...

Tu plores, mare meva, perdona'm. Jo em torno boig! M'embriaga el dolor i per aixo et crucifixo en la meva ignominia.

—No te n'empenedeixis—feu Dóna Lionor—d'associar-me a les teves desventures. Me'n consola el mateix dolor de compartir-les. Les llàgrimes són indispensables en la vida...

Anem a pregar. Estàn a punt de tocar l'Ángelus.—I es va aixecar, senyant-se i pregant en veu alta l'oracío de la tarde:—«L'àngel del Senyor anuncià Maria...»—

Les campanes de les ermites continuaven lentes polsant les hores del Misteri.

En Manuel va aixecar-se ofegant l'esguard en les vibracions d'-aquell só religiós que, de sobte, va

recolorir de melangía la plana baixa...

Era a l'hora en què la Rosina arribava al peu de la vella masía i preguntava per l'artista.

Sobtadamente, la seva figura de madona, exquisidament bella, va tacar el religiós escenari, entrant en el vell claustre amb l'aire serè e indiferent de aquell que encarna l'atzar.

—Rosina!—cridà En Manuel, corrent a encarar-s'hi d'aprop, sonàmbul, enfondrat en el desvari d'aquell que encepega amb una figura de fum, en somnis, i té por de tocar-la perquè no se li desfaci.

I la Rosina, fredamente, tactejant-se la rossa clenxa tota enrogida del crepuscle:

—Aquí em tens, bojot meu! I això que sols he llegit una part de les teves queixes, un troç de les teves cartes. No he tingut temps per

a llegir-ho tot. París no és Villa Cova. Ah, i ara que hi penso: estàs venjat. Si no t'hagués venjat l'imbecilitat de l'home que't va substituir, ara t'hauría desagraviat la caminada que m'has fet fer. No m'agrada entornar-me'n; si m'agradés, no em veuríes aquì: me n'hauría entornat a l'estació al cap d'una hora de camí. Quina manera de patir, tot venint!

—Oh! Rosina. És cert que't tinc al meu costat, que ets meva?— I l'abraçava, nerviós, en un enfollit desvari!

S'havia esvait l'hora de l'Ángelus. Al lluny, p'els camps de Villa-Moura, pageses, corbades sobre el llí, feinejaven encara p'el rostoll. I la seva veu perllongada i pura, immaculada d'art, desdoblava la cançó anónima dels camps... Era l'hora en

qué Dóna Lionor, espectral i blanca, relleu de tortura i clar-de-lluna, travessava el torrent de Mára, que s'esmunyia com un espill líquid de planys cansats fins a morir-se per les prades.

L'acompanyava el majordom, encara més vell que ella, cap-cot, poruc, caricatural i fí—home de poble polit p'el tracte amb gent noble —molt magre, tintinejant, indiferent...

Quan arribaren al puig del Louriero, Dóna Lionor va deturar-se afadigada, escampant l'esguard contorbat per les feixes de Villa-Cova i després pel casalot ombrívol que s'esqueia al mig com una gran taca, indicant talment que era d'allà que la nit anava a sorgir.

Apenes si s'ovirava la masia, ara tota tèrbola de la nit i els amors que la migraven...

De sobte, se li va enterbolir la

vista; s'agenollà a la força; evocà la Mare de Déu del Louriero, que en l'ermita del davant dominava la muntanya—va embadalir-se fitant un moment la seva imatge barroera de granit; i es va morir fitant-la, pregant-li per En Manuel...

Varen passar mesos, hores doloroses per a l'artista, enyorant sa mare, enfollit d'amor per l'amant.

A les hores feineres del día, quan el sol colora els fruits, tonalitzan l'espai amb flamarades que enlluernen, convulsions torberals de vida fecunda, ell anava, d'amagat, a endinsar-se en un reconet fosc, envoltat d'ombres, per por de l'amant, a corporitzar en el marbre l'ànima blanca de Dóna Lionor. I, mentrestant, l'estatua de la Rosina restava incompleta, abandonada tal com la mare la va veure...

De mica en mica el nou marbre va impressionar-se de l'imaginació de l'estatuari, i la figura de Dóna Lionor s'anava revelant en la cambra obscura de les ombres. Dels sis pams de pedra sobressortía la mare de l'artista, senyorívola i pura, redreçant, inefable, el séu perfil de santa.

De nit, a hores mortes, En Manuel la veia sorgir em somnis d'entremig de la foscuria i moure's, enrosant-se, suau, amb els colors discrets de la velles a, els colors que va trametre a les roses que en la prada l'havien emmortallada...

El dia s'escorría blà.

Dia serè i calm.

Feia una hora que l'artista treballava, devot de l'imatge de la mare, que sobressortía blanca del marbre, del séu amor.

Trucaren. Era el masover que

venía a dir-li que la Rosina havía marxat a agafar el tren a Mosteirô, i que li enviava una carta.

—Veiam—feu, nerviós, estripant el sobre. La carta deia:

«*Manuel:*

«*Ja ha desaparegut la novitat de la nostra reconciliació, el gran motiu que va portar-me a Villa- Cova. No puc aguantar més les ombres del pobre llogaret, agravades p'el teu amor engelosit del meu passat, avorrida de no fer res, de mandra. Sempre lo mateix, cansa: fins l'amor... Devegades èrets, pesat, enfadós com un nuvi! I jo no tinc res més que l'independencia i la joventut...*

«*No vull sacrificar a la teva pagesía el meu humil patrimoni. Te'n faràs càrrec quan l'oblit t'ho deixi veure.*

«I l'oblit vindrà aviat. No et creguis que me'n vaig amb programa fet: segueixo el meu atzar. Vaig a vendre el meu art, que és la joventut, per l'únic preu que la pue vendre: el plaer. Ja sé que vindrìes amb mi, si t'ho proposés. Pero, per qué?

Hem de separar-nos. No em queda ni un reste de caprici que'm retingui vora teu. Ērets, temps ha, al meu costat, un misteri descobert, un caprici satisfet...

«Ni el tumult de la teva gelosìa, ni les violencies malaltices del teu amor, podìen ja entretenir a la teva.

Rosina.»

En Manuel, després de llegir la carta, va caure anorresat en un banc espatller de llistons, maràsmic, capacotat...

De sobte va aixecar-se i, després de donar algunes ordres, va empendre asserenat el camí que mesos enrera va fer la seva mare.

Volía encalçar l'amant. Peró, com més s'apropava al puig del Louriero, més amainava el pas. A l'arribar al siti on Dóna Lionor morí, va descobrir-se, commogut.

I, cridat per un poder misteriós, va encarar-se amb l'imatge de la Mare de Déu del Louriero, que des del fornet de l'ermita semblava dominar-lo amb el séu esguard de pedra.

En Manuel va abaixar els ulls i va donar-li per rememorar el passat:— mals somnis, horrors p'el rebaixament de tants anys, en una lluita intensa, dolorosa...

De mica en mica anava pressentint el descabdellament del misteri íntim que ell era, i del qual ara se'n vela esdevingut un ínfim pretex! Va fitar novament l'imatge i va semblar-

li veure sorgir del granit la figura suau de sa mare, somrient-li, animada p'els colors de la seva vellesa pura!...

Va encantar-se'hi fins que la vegé desaparèixer en les faccions menjades del sagrat granit!

Devallà ràpidament la coma, retornà a Villa-Cova, i fou amb devoció que va entrar en el vell reconet de la masía per a rependre el treball interromput feia poques hores: revelar en marbre la figura dolcíssima de Dóna Lionor.

Tocaven l'Ângelus. Creuaven l'espai ratxes de sóns que veníen de les ermites dels toçals a perdre's per ler serres humils.

L'artista va aixecar-se i pregà, seré, l'oració de la tarde, temps ha interrompuda.

La bondat de Dóna Lionor florí un nou miracle a Villa-Cova, potser el darrer, un miracle d'amor...

Continuaven lentes les oracions dels bronzes, desfent-se en taques de só damunt del brancatge de Villa-Cova, ara serena, atenta.

La tarde va fer caure dessobre 'ls puigs encatifats el vel moradenc de les hores misterioses que, lluny de lluny, les ombres pregones esquinçaven!

Va emmudir la cançó dels rostolls, el propi himne llangorós del terrer; emmudiren les pageses, les cigales, les granotes ara escampades p'els bassals, fulgint com joies de Toledo, tallant l'aigua poc a poc...

Pregaven els humils, els poderosos, la Terra!

Núvols de fum alçaven fins al cel els secrets més pregons de les llars.

Hora sagrada!

Villa-Cova vivia l'ideal salvatge i nobiliari de deixar-se governar per Déu!

La masía, desconjuntada, era un monument de humilitat que les ombres feien agenollar.

Hora misteriosa! El sol queia, i en el séu comiat ho amarava tot de religiositat, donant a la terra l'expressió lívida d'un interior de catedral, esfumant penombres morades, misterioses, plenes de enyorances.

Tot celebrava el miracle...

En Manuel restà, atent, fitant la mare, devot, religiós!

I, amb l'imaginació, va revifar l'estatua, que reprengué lenta el séu prec, al só de les campanes: les Aves-Maries, amb la seva veu blanca d'amor, de marbre!...

(Dos *Contistes Portuguesos*).

INDICE

INDICE

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 26 DE FEVEREIRO DE 1927